

Patrícia Marques Fonseca

***Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenómeno em Jovens***  
**Estudantes do Ensino Secundário**



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015



Patrícia Marques Fonseca

***Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenómeno em Jovens***  
**Estudantes do Ensino Secundário**



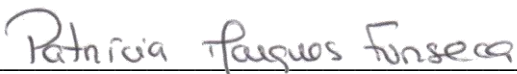
Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Porto, 2015

Patrícia Marques Fonseca

***Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenómeno em Jovens***  
**Estudantes do Ensino Secundário**



---

(Patrícia Marques Fonseca)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Jurídica, sob a orientação da Professora Doutora Laura Nunes e da Professora Doutora Cristina Soeiro.

Porto, 2015

## **Resumo**

A presente investigação debruça-se sobre o estudo do *bullying*, cujos desenvolvimentos se têm dado não só de uma forma mais direta nas escolas, mas também através do uso das novas tecnologias, numa modalidade que se chama *cyberbullying*. Para isso, pretendeu-se analisar o fenómeno de *bullying*, nas duas modalidades presencial e virtual (*cyberbullying*), captar a prevalência do *bullying* e do *cyberbullying*, nas escolas; averiguar a eventual existência de uma ligação entre as duas modalidades de *bullying*; perceber como estarão ligados o *bullying* e o *cyberbullying*, em contexto do ensino secundário; e capturar aspetos como a associação entre o sexo e o papel do indivíduo nos fenómenos.

A amostra constituiu-se de 116 alunos do ensino secundário de duas escolas da zona centro do país, com idades compreendidas entre os 16 e os 23 anos de idade, de ambos os sexos. Os resultados obtidos denotaram a ascensão do *cyberbullying*, num mundo que está cada vez mais tecnológico e virtual, dada a maior frequência desta modalidade, comparativamente com a tradicional. Mais ainda, os resultados demonstraram uma forte ligação entre as duas formas de *bullying*, dado que os intervenientes de uma se tornam nos intervenientes da outra, alertando para a urgência de intervir nesta problemática.

**Palavras-chave:** *Bullying*; *Cyberbullying*; Internet; Adolescência.

## **Abstract**

This research focuses on the study of bullying, whose developments have been given not only in a more direct way in schools but also through the use of new technologies in a manner which is called cyberbullying. For this, the aim was to analyze the phenomenon of bullying in both classroom and virtual modes (cyberbullying), capturing the prevalence of bullying and cyberbullying in schools; investigate the possible existence of a link between the two forms of bullying; perceive as bullying and cyberbullying will be linked in the context of secondary education; and capturing aspects such as the association between sex and the individual's role in the phenomena.

The sample constituted of 116 secondary school students from two local schools center of the country, aged between 16 and 23 years of age, of both sexes. The results denoted the rise of cyberbullying in a world that is increasingly technological and virtual, given the greater frequency of this type, compared to the traditional. Moreover, the results showed a strong link between the two forms of bullying, as stakeholders become a stakeholder in the other, warning of the urgency to intervene in this problem.

**Keywords:** Bullying; Cyberbullying; Internet; Adolescence.

*A todos os guerreiros da vida...*

## **Agradecimentos**

Antes de mais, quero deixar o meu agradecimento ao Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz e à Universidade Fernando Pessoa, bem como a todos os docentes que me acompanharam e contribuíram para o meu conhecimento académico e início da minha bagagem profissional ao longo destes anos, na Licenciatura e no Mestrado.

Também quero agradecer às minhas orientadoras, Professora Doutora Laura Nunes e Professora Doutora Cristina Soeiro, que se disponibilizaram sempre e me auxiliaram em tudo ao longo desta caminhada e me ajudaram a chegar ao resultado final, com o seu rigor e apoio.

Às Direções dos estabelecimentos de ensino, por autorizarem esta investigação; aos Professores pela sua disponibilidade em me receberem nas suas aulas; aos Encarregados de Educação por autorizarem a participação dos seus educandos e aos Alunos que participaram neste estudo.

Aos meus Pais pelos valores, pela educação, por me ajudarem a chegar até aqui e a concretizar este sonho.

Ao Rui, meu companheiro incondicional de vida, por me apoiar sempre, pelo seu amor e carinho total e por nunca duvidar das minhas capacidades e me encorajar nos momentos mais difíceis.

À Patrícia e ao João, mais que amigos, irmãos, que sempre caminharam ao meu lado em todos os momentos deste percurso e da vida, por todo o apoio, amizade e motivação para encarar as adversidades encontradas, pois navegámos no mesmo barco.

Ao Riscas, pela enorme companhia ao longo dos imensos dias e noites de escrita, pelas brincadeiras e carinhos.

Um muito obrigada a todos!

## Índice

|  |             |
|--|-------------|
| <b>Resumo</b> .....  | <b>v</b>    |
| <b>Abstract</b> .....  | <b>vi</b>   |
| <b>Dedicatória</b> .....   | <b>vii</b>  |
| <b>Agradecimentos</b> .....  | <b>viii</b> |
| <b>Índice de Quadros</b> .....   | <b>xi</b>   |
| <b>Índice de Anexos</b> .....  | <b>xiii</b> |
| <br>   |             |
| Introdução .....   | 1           |
| <b>PARTE A – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA</b> .....                                      | <b>5</b>    |
| <b>CAPÍTULO I – VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – DEFINIÇÃO DE<br/>CONCEITOS</b> .....         | <b>6</b>    |
| 1.1. Os Conceitos de Comportamento Antissocial, Violência e <i>Bullying</i> .....    | 7           |
| 1.2. (In)disciplina, Incivilidades e Violência em Contexto Escolar .....             | 11          |
| 1.3. <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> – Conceitos Básicos e Relacionados ..... | 14          |
| 1.3.1. <i>Cyberbullying</i> – As Especificidades .....                               | 18          |
| 1.3.1.1. Intervenientes do <i>Cyberbullying</i> .....                                | 20          |
| 1.3.1.2. Tipos de <i>Cyberbullying</i> .....   | 22          |
| 1.3.2. <i>Cyberbullying</i> – Uma Extensão do <i>Bullying</i> .....                  | 23          |
| <b>CAPÍTULO II – BULLYING E CYBERBULLYING – ESTUDOS E<br/>MODELOS</b> .....          | <b>27</b>   |
| 2.1. As Origens e os Primeiros Estudos .....   | 28          |
| 2.2. Modelos e Teorias Relacionados .....  | 28          |
| 2.2.1. Baixo Autocontrolo .....  | 29          |
| 2.2.2. Teoria Geral da Tensão .....  | 29          |

|  |           |
|--|-----------|
| 2.2.3. Teoria da Posição Social .....  | 29        |
| 2.3. A Evolução dos Estudos a Respeito de <i>Bullying</i> e/ou de <i>Cyberbullying</i> ..... | 30        |
| 2.4. Consequências a Considerar .....  | 32        |
| <b>PARTE B – CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA .....</b>   | <b>34</b> |
| <b>CAPÍTULO III – O ESTUDO .....</b>   | <b>35</b> |
| 3.1. Método .....  | 36        |
| 3.1.1. Participantes .....   | 36        |
| 3.1.2. Material e Procedimento .....   | 38        |
| 3.2. Resultados .....  | 40        |
| 3.3. Discussão de Resultados .....   | 56        |
| Conclusão e análise reflexiva .....  | 59        |
| Referências .....  | 61        |
| <b>ANEXOS</b>  |           |

## Índice de Quadros

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1.1. Medidas descritivas do sexo dos participantes do estudo.....   | 37 |
| Quadro 1.2. Medidas descritivas da idade dos participantes do estudo.....  | 37 |
| Quadro 1.3. Medidas descritivas que indicam se os participantes do estudo se encontram deslocados de casa para estudar.....                                      | 38 |
| Quadro 1.4. Prevalência de comportamentos na escala “Comportamentos de que foi alvo” do instrumento de <i>Cyberbullying</i> .....                                | 42 |
| Quadro 1.5. Prevalência de comportamentos na escala “Comportamentos de que foi alvo” do instrumento de <i>Cyberbullying</i> (continuação do quadro 1.4.).....    | 43 |
| Quadro 1.6. Prevalência de comportamentos na escala “Comportamentos dirigidos a outros” do instrumento de <i>Cyberbullying</i> .....                             | 45 |
| Quadro 1.7. Prevalência de comportamentos na escala “Comportamentos dirigidos a outros” do instrumento de <i>Cyberbullying</i> (continuação do quadro 1.6.)..... | 46 |
| Quadro 1.8. Prevalência de comportamentos na escala “o que já me fizeram na escola?” do instrumento de <i>Bullying</i> .....                                     | 48 |
| Quadro 1.9. Prevalência de comportamentos na escala “o que já me fizeram na escola?” do instrumento de <i>Bullying</i> (continuação do quadro 1.8.).....         | 49 |
| Quadro 1.10. Prevalência de comportamentos na escala “o que já fiz na escola?” do instrumento de <i>Bullying</i> .....   | 51 |
| Quadro 1.11. Prevalência de comportamentos na escala “o que já fiz na escola?” do instrumento de <i>Bullying</i> (continuação do quadro 1.10).....               | 52 |
| Quadro 1.12. Prevalência de comportamentos na escala “o que já fiz na escola?” do instrumento de <i>Bullying</i> (continuação do quadro 1.11).....               | 53 |
| Quadro 1.13 – Relação entre Vítima de <i>Cyberbullying</i> e Agressor de <i>Cyberbullying</i> .....  | 54 |

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1.14 – Relação entre Vítima de <i>Bullying</i> e Agressor de <i>Bullying</i> .....        | 55 |
| Quadro 1.15 – Relação entre Vítima de <i>Cyberbullying</i> e Vítima de <i>Bullying</i> .....     | 55 |
| Quadro 1.16 – Relação entre Agressor de <i>Bullying</i> e Agressor de <i>Cyberbullying</i> ..... | 55 |
| Quadro 1.17 – Relação entre Vítima de <i>Cyberbullying</i> e Agressor de <i>Bullying</i> .....   | 56 |
| Quadro 1.18 – Relação entre Agressor de <i>Cyberbullying</i> e Vítima de <i>Bullying</i> .....   | 56 |

## Índice de Anexos

**Anexo I** – Declaração do Consentimento Informado para Encarregados de Educação de alunos menores de idade

**Anexo II** – Declaração do Consentimento Informado para os participantes com idade igual ou superior a 18 anos

**Anexo III** – Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar (Trabulo & Soeiro, 2011)

**Anexo IV** – Autorização das autoras da Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar

**Anexo V** – Indicadores de *Cyberbullying* – Questionário de Avaliação (Nunes & Fonseca, 2014)

## **Introdução**

A presente investigação debruça-se sobre o estudo do *bullying*, cujos desenvolvimentos se têm dado quer ao nível das nossas escolas, de uma forma mais direta, quer através da internet, de forma não presencial, o que remete para a análise do *cyberbullying*. Efetivamente, trata-se de um fenómeno de violência exercida entre pares, que se verifica no contexto escolar e através do acesso às novas tecnologias, mais especificamente, através de redes sociais e de outras formas de comunicação por via da internet. Dado o ainda insuficiente número de investigações a respeito deste tema, sobretudo no que se refere ao *cyberbullying* em Portugal, justifica-se o desenvolvimento de estudos que não esgotarão o problema mas ajudarão a clarificá-lo, num regime de complementaridade do que até aqui se tem desenvolvido.

Nos últimos anos tem-se verificado que o *bullying* também está presente em relações/contactos *online*, sendo que o risco de vitimação (bem como o de desenvolver práticas violentas) através desta via aumentou desde que as tecnologias e o recurso às mesmas também foram sendo mais intensas e presentes no quotidiano das pessoas (Mark & Ratliffe, 2011; Mesch, 2009; Smith et al., 2012). É, portanto, essencial verificar a prevalência deste fenómeno recente, uma vez que estamos numa sociedade cada vez mais “virtual” e dependente das tecnologias, sobretudo entre os adolescentes (Mesh, 2009; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011). Acresce ainda a necessidade de se estudar um problema que afeta as nossas escolas e que perturba o desenvolvimento das nossas crianças e adolescentes, atendendo às suas diferentes modalidades, a do *bullying* e a do *cyberbullying*.

O *cyberbullying* apresenta as mesmas características que o *bullying*: a assimetria do poder e controlo, a existência de hostilidade, a constatação de premeditação do ato, bem como a existência de passividade, por parte de alguns, perante a realização do ato (Li,

2006; Olweus, 1993; Pepler & Craig, 2000). Contudo, nesta modalidade exercida através da internet, o fenómeno apresenta algumas características mais específicas: os *cyberbullies* são anónimos, não sendo, de acordo com alguns autores (Cruz, 2011; Dehue, Bolman & Völlink, 2008), confrontados com a reação da vítima e com as consequências quer para vítimas, quer para ofensores. Efetivamente, *cyberbullying* e *bullying* estão claramente associados (Juvonen & Gross, 2008), o que justifica a necessidade de serem analisados conjuntamente.

Além disso, pode verificar-se a coexistência de *bullying* e de *cyberbullying*, numa mesma pessoa (seja ela vítima ou agressor) (Brighiet al., 2012; Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Li, 2007) o que parece sinalizar a possível relação entre as duas modalidades deste fenómeno.

Assim sendo, torna-se cada vez mais importante e urgente atender ao problema, pelo que o seu estudo se revela fundamental. Por isso, procurou-se, neste estudo, dar resposta a algumas questões centrais de investigação, que passam a apresentar-se:

- i) Genericamente, que padrões de ocorrências de *bullying* e de *cyberbullying* se poderão identificar nas escolas a analisar?
- ii) As raparigas serão mais frequentemente vítimas de *cyberbullying* e/ou *bullying* que os rapazes?
- iii) Os rapazes serão mais frequentemente agressores que as raparigas, no âmbito das modalidades de *cyberbullying* e/ou *bullying*?
- iv) As vítimas de *bullying* tendem a ser também vítimas de *cyberbullying*?
- v) Os *cyberbullies* serão também *bullies*?

Assim, tendo em vista a obtenção de respostas para estas questões, impõe-se a perseguição do objetivo geral de analisar o fenómeno de *bullying*, nas duas modalidades presencial e virtual (*cyberbullying*). Mais especificamente, traçam-se os objetivos de

captar a prevalência do *bullying* e do *cyberbullying*, nas escolas; averiguar a eventual existência de uma ligação entre as duas modalidades de *bullying*; perceber como estarão ligados o *bullying* e o *cyberbullying*, em contexto do ensino secundário; e capturar aspetos como a associação entre o sexo e o papel do indivíduo nos fenómenos.

O estudo que aqui se apresentará, obedece a um plano exploratório, descritivo, transversal, observacional e baseado na análise de dados obtidos por autorrelato. Assim, apelou-se ao método do inquérito, suportado pela técnica do questionário, para realizar esta pesquisa cuja apresentação se inicia com uma contextualização teórica e conceptual para, só depois, se passar ao estudo propriamente dito, com a exposição do método, do procedimento, dos resultados e, por último, das conclusões.

Como limitações, de uma forma geral, destaca-se a resposta do Ministério da Educação e das escolas solicitadas que foi um pouco demorada, sendo a principal limitação a morosa recolha de dados, uma vez que foi necessário articular com as escolas, incluindo professores e respetivas aulas, a fim de não prejudicar o bom funcionamento das mesmas. Pode-se ainda nomear outra limitação que diz respeito à amostra recolhida ser maioritariamente normativa, o que contribuiu para que os resultados não fossem como esperado, ou seja, a maioria dos alunos não apresentar quaisquer comportamentos, seja como vítimas ou como agressores.

A nível de resultados, podem-se destacar os seguintes, começando pelo *bullying*: foi possível averiguar que existe uma maior predominância do *bullying* verbal, sobretudo nas vítimas (e.g.: “gozam comigo”, “insultam-me”, “chamam-me nomes ofensivos”). O comportamento “gozar” é mais frequente nas raparigas. Ainda sobre o género, foi possível averiguar nesta amostra que os rapazes são mais agressores que as raparigas.

Passando ao *cyberbullying*, é de salientar que a maioria dos alunos desta amostra utiliza a internet de forma diária, verificando-se que o *cyberbullying* está a ocorrer com

mais frequência que o *bullying*. Relativamente ao género, os resultados apurados na nossa amostra referem que as raparigas são mais vítimas e os rapazes são mais agressores. Quanto aos tipos de *cyberbullying* presentes, podemos averiguar que os mais encontrados foram: perseguição (e.g.: enviar e-mails ou SMS's), difamação (e.g.: divulgar informação falsa), *outing* (e.g.: usar a imagem ou partilhar informações) e exclusão (e.g.: excluir de grupos *online*).

No que concerne à relação de *bullying* e *cyberbullying*, esta foi comprovada pela nossa amostra (vítimas de *bullying* são também de *cyberbullying*, e agressores de *bullying* também são de *cyberbullying*); além disso, foi possível verificar que vítimas/agressores de *cyberbullying* também podem ser agressores/vítimas de *bullying*. Apesar dos números não serem muito elevados, consegue-se denotar o início da extensão do *bullying* para o mundo virtual.

Este trabalho apresentará então duas partes: a primeira acerca da revisão de literatura, onde serão abordadas as temáticas inerentes a este grande fenómeno; e a segunda remete para a investigação empírica que, depois dos resultados encontrados, do seu tratamento e interpretação, terminará com a conclusão.

**PARTE A – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

---

## **CAPÍTULO I**

### **VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS – DEFINIÇÃO DE CONCEITOS**

---

### **1.1. Os Conceitos de Comportamento Antissocial, Violência e *Bullying***

A família e a escola são instituições fundamentais para o desenvolvimento da criança e do jovem, incentivando, conseqüentemente, a preparação da criança/jovem para a vida (Gequelin & Carvalho, 2007). Tal processo passa por momentos de maior ou menor dificuldade, sendo que a adolescência, por exemplo, constitui um dos momentos de grandes dificuldades e de drásticas transformações tantas vezes geradoras de conflitos (Silva, 2004) e mudanças na vida social do jovem (Pellegrini & Bartini, 2000). A esse propósito saliente-se que a palavra adolescente significa “crescer”, indicando um período de mudanças e de construção identitária, como bem referem autores como Erikson (1977). É uma etapa da vida do indivíduo em que os pares e as relações com aqueles se revestem de grande importância (Andrews & Bonta, 2010; Brown, 2004; Cooper & Ayers-Lopez, 1985), sendo que experiências negativas podem levar à perpetração de comportamentos problemáticos a nível social, como a agressividade e o *bullying* (Cillessen & Mayeux, 2007; Mesch, 2009; Tyrode & Bourcet, 2002).

Da infância à idade adulta, passando pela adolescência, a escola constitui um contexto privilegiado, sendo muitas vezes considerada origem da transmissão de normas e padrões comportamentais. Além disso, é um contexto de socialização essencial para as crianças e jovens não apenas relativamente à aprendizagem do saber-saber, mas também relacionada com a promoção do desenvolvimento cognitivo, apoio socio-emocional, reconhecimento da identidade cultural, aprendizagem das competências sociais, essenciais no comportamento em sociedade e em grupo, e na promoção da autoeficácia dos alunos face ao desenvolvimento destas competências pessoais e sociais (Gequelin & Carvalho, 2007; Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009; Morais, Neiva-Silva & Koller, 2010; Saavedra & Machado, 2010; Stelko-Pereira & Williams, 2010).

Assim, a escola permite a socialização da criança/jovem, não só pelos motivos acima descritos mas também porque possibilita os primeiros contactos com os pares, da mesma idade ou mais velhos, longe da supervisão e controlo da família (Fonseca, 2003; Gequelin & Carvalho, 2007).

No entanto, estas instituições (família, escola), bem como a comunidade, também contribuem, segundo Royer (2002) para a existência de comportamentos violentos. Centrando-nos novamente na escola, este é um contexto que contribui para o risco de comportamentos antissociais (Gequelin & Carvalho, 2007; Kazdin & Bucla-Casal, 2001) e onde a violência está presente, principalmente entre pares (Costa & Vale, 1998).

Neste sentido, e dada a pertinência de determinados conceitos, tendo em consideração o tema em análise, vamos centrar-nos nos seguintes termos: comportamento antissocial, violência e *bullying*.

Relativamente ao comportamento antissocial, têm sido utilizados diversos termos para o definir tais como perturbação de conduta, hiperatividade, problemas de comportamento, problemas de externalização (Pacheco et al., 2005). Concretizando, o comportamento antissocial é aquele que infringe regras sociais ou uma ação contra outros, como por exemplo, furtos, vandalismo, mentiras, absentismo escolar, fugas de casa. Assim, esses comportamentos incomodam mas podem não causar, necessariamente, danos físicos a outras pessoas (Formiga & Gouveia, 2003).

Estes comportamentos são caracterizados pela interação do indivíduo com o ambiente, com a família, com os pares e com a comunidade (Fonseca, 2003; Gequelin & Carvalho, 2007; Pacheco et al., 2005; Patterson, 1998). O peso destes fatores varia conforme o período de vida do indivíduo, i.e., à medida que o jovem se vai envolvendo na escola, o efeito da família vai diminuindo. Deste modo, é notória que a explicação do comportamento antissocial não se deve apenas às características do próprio sujeito (e.g.

personalidade, inteligência), mas também aos fatores acima mencionados (Fonseca, 2003). Os comportamentos antissociais vão-se alterando conforme as exigências que vão surgindo e o desenvolvimento do indivíduo, podendo (ou não) progredir para comportamentos delinquentes mais tarde, consolidando-se na vida adulta (Pacheco et al., 2005).

Dentro dos comportamentos antissociais, como já vimos, podem haver comportamentos violentos, sendo pertinente abordar o conceito de violência.

A violência não é, de todo, um fenómeno novo nem recente (Costa & Vale, 1998). É difícil encontrar um conceito de violência universal e transversal, devido às diversas formas de violência existentes (Stelko-Pereira & Williams, 2010). No entanto, podemos definir violência como um ato que ocorre quando existe desigualdade de poder entre as partes envolvidas e que, através do uso da força, origina a rutura de uma relação e provoca mal no outro, não se podendo ignorar práticas mais subtis de violência, mesmo em contexto de sala de aula, como o racismo (Body-Gendrot, 2002; Sposito, 1998; Williams, 2003). É ainda importante referir que esta dificuldade de definição prende-se com o momento histórico, a cultura, a localidade e outros fatores que lhe dão um carácter dinâmico (Abramovay, 2006; Sposito, 1998). Deste modo, é natural que, conforme o país, a definição deste conceito varie (Stelko-Pereira & Williams, 2010).

Existem vários tipos de violência: física, psicológica, sexual e negligência. A física remete para atos que têm como objetivo ferir a integridade da pessoa; são exemplos pontapés, bofetadas, empurrões, atirar objetos, entre outros. A psicológica diz respeito a ações que provocam danos psicológicos/emocionais, como por exemplo, ameaças contra o indivíduo ou contra terceiros, ridicularizar ou inferiorizar alguém, entre outros. A sexual refere-se a atos sexuais contra a vontade do sujeito. Quanto à negligência, esta

remete para a não satisfação de cuidados básicos ou não evitar situações de perigo de um sujeito, sobretudo a crianças (Organização Mundial de Saúde, 2002).

Dada a faixa etária da população alvo desta investigação, é importante definir violência juvenil. Esta, segundo Farrington (2002), envolve atos cometidos por crianças/jovens entre os 10 e os 21 anos de idade, que têm como objetivo causar danos psicológicos ou físicos. De acordo com o mesmo autor, esta faixa etária é definida a fim de excluir a agressividade infantil abaixo dos 10 anos e a violência adulta acima dos 21.

É ainda fundamental abordar a violência que ocorre em contexto escolar, dada a temática em análise. A violência escolar tem vindo a aumentar nos últimos 20 anos (Royer, 2002), estando associada, por um lado, ao aumento da escolaridade obrigatória, o que prolonga a permanência dos jovens na escola e, por outro, à inadequação do ensino às diferenças culturais, expectativas, motivações e competências dos alunos. Assim, a agressividade pode surgir como uma resposta a um fraco envolvimento e sucesso escolar (Matos et al., 2009). Os intervenientes da violência escolar passam por qualquer sujeito que trabalhe na instituição (escola) ou que esteja envolvida nela, não se cingindo apenas a professores e alunos, mas também, por exemplo, a funcionários, a pais de alunos, entre outros (Stelko-Pereira & Williams, 2010).

Esta violência engloba todos os comportamentos agressivos e antissociais, como por exemplo, conflitos interpessoais, danos no património, atos criminosos, entre outros (Neto, 2005). Especificando, na violência escolar existem várias formas, como por exemplo, vandalismo, lutas, abuso ou assédio sexual, *bullying*, posse/utilização de armas (Costa & Vale, 1998; Matos et al., 2009).

Não nos podemos esquecer que os atos violentos têm características únicas como os intervenientes, a duração, os motivos, o local onde ocorrem, a hora e a forma como terminam. Quando existem atos violentos que apresentam características semelhantes,

são agrupados em categorias, sobretudo para facilitar a pesquisa dos investigadores, sendo o caso do *bullying* (Stelko-Pereira & Williams, 2010).

O *bullying*, principal temática desta investigação, trata-se de uma das formas de violência escolar mais comuns em Portugal e trata-se de um comportamento agressivo, intencional e sistemático, num contexto específico (escola), ligado a ações físicas, verbais, psicológicas e sexuais. De uma forma genérica, este fenómeno ocorre quando um ou vários alunos exercem ações agressivas/negativas (e.g. chamar nomes, bater, excluir de atividades) sobre um ou mais indivíduos. Esse comportamento tem a intensão de causar mal-estar e sofrimento, ocorre de forma repetida e pode durar semanas, meses ou até mesmo anos. Verifica-se, ainda, um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas, isto é, um agressor dominante e uma vítima que não se consegue defender (Matos et al., 2009). Mais à frente, será abordado este fenómeno aprofundadamente.

Uma vez definidos os conceitos de comportamento antissocial, violência e *bullying*, interessa-nos passar à definição de outros aspetos relacionados com estes conceitos.

## **1.2. (In)disciplina, Incivildades e Violência no Contexto Escolar**

Os comportamentos da escola têm-se modificado ao longo do tempo. Tal é devido, principalmente, à extensão da escolaridade obrigatória (inicialmente até ao nono ano), onde os alunos permanecem mais tempo, e à heterogeneidade dos alunos pela sua cultura (Monteiro, 2009; Pereira, 2005).

A indisciplina, a incivildade e a violência têm aumentado, nos últimos anos, progressivamente no contexto escolar (Abramoay & Rua, 2002; Monteiro, 2009). Estes conceitos são a instabilidade da escola, que pretende ser normativa e pedagógica; além disso, contribui para o sentimento de insegurança daqueles que a frequentam (Abramoay & Rua, 2002; Garcia, 2006).

De um modo geral, os alunos podem ser indisciplinados, incivilizados e até violentos devido, por exemplo, ao ambiente familiar, ao meio onde estão inseridos, ao grupo de pares, à desmotivação e da falta de interesse pela escola, à autoafirmação perante o grupo de pares (Monteiro, 2009).

A indisciplina existe desde que existe o ensino, não se tratando, portanto, de algo patológico. Por isso, e porque é um fenómeno complexo, tem-se tornado numa preocupação do contexto escolar (Pereira, 2005; Veiga, 2001). Deste modo, e uma vez que está relacionado com incivilidade e violência, como iremos ver mais à frente, é importante definir e abordar este conceito de forma mais detalhada.

A indisciplina é o reflexo da sociedade (Pereira, 2005). No contexto escolar, está associada à rutura das normas estabelecidas por esta instituição (Garcia, 2006). É, portanto, o oposto de disciplina, logo leva a que não exista um bom funcionamento da aule nem que a aprendizagem seja positiva e proveitosa (Monteiro, 2009). Deste modo, e de acordo com Charlot (2002), a indisciplina engloba a incivilidade, i.e., engloba condutas que se opõem às regras de boa convivência, como por exemplo, empurrões, palavras obscenas e ofensivas, sendo estas últimas as mais frequentes neste contexto (Garcia, 2006).

Quando os alunos têm os chamados comportamentos indisciplinados têm o objetivo de querer livrar-se da influência da escola, impedir o normal funcionamento da aula ou resistir aos trabalhos e atividades escolares ou testar a liderança do professor (Amado, 2003). Além disso, podem ter outras causas, tais como, a falta de perspetiva relativamente ao futuro, a falta de valores sociais, escolares e/ou familiares, crises de identidade, falta de regras (Monteiro, 2009).

É importante referir que existem níveis de indisciplina, que vão ser apresentados de acordo com Amado (2003) e segundo o seu grau de gravidade: desvios às regras da

produção, conflitos interpares e conflitos da relação professor-aluno. De um modo geral, o primeiro nível (desvios às regras da produção) remete para os comportamentos que perturbam o bom funcionamento da sala de aula, i.e., o não cumprimento de regras estabelecidas. Este nível aborda algo fulcral que está inerente na cultura das escolas: as regras, que são importantes para que haja ordem social, tendo uma função funcional. No entanto, estas dificilmente são coerentes entre os vários professores que passam numa mesma turma, bem como variam conforme o tipo de aula (Amado, 2003; Monteiro, 2009).

Quando os valores, como o respeito pela integridade física e mental do outro, a liberdade, a solidariedade, a cooperação e a tolerância são colocados em causa, estamos perante os níveis dois e três da indisciplina. O segundo nível (conflitos interpares) remete para os comportamentos agressivos e violentos entre alunos (dentro e fora da turma), como por exemplo, violência física ou verbal, intimidação sexual, roubo, vandalismo. Estes comportamentos, em sala de aula, prejudicam o clima relacional. O terceiro nível (conflitos da relação professor-aluno), de forma genérica é constituído por comportamentos que visam pôr em causa a autoridade e estatuto do professor, manifestando desrespeito pelo mesmo, tais como, insultos, palavras obscenas, desobediência, manifestação de agressividade, vandalismo contra a propriedade dos professores (ou outros docentes) e da escola. Este é o nível que ocorre com menor frequência, sendo no entanto aquele que professores e alunos apontam como o mais grave (Amado, 2003).

Não nos podemos esquecer que a indisciplina apresenta particularidades, i.e., um aluno pode ser indisciplinado numa aula e noutras não, variando conforme as circunstâncias. Portanto, a indisciplina difere conforme o contexto socio-histórico, os valores, as políticas educativas, podendo ainda variar conforma a matéria lecionada, o

método que o professor utiliza e as regras impostas pela escola (Aquino, 1998; Martins, 2011; Veiga, 2001).

Como foi dito anteriormente, a indisciplina está ligada com a incivilidade. Tal pode ser verificado dada a semelhança dos comportamentos, i.e., as incivildades incluem comportamentos desafiantes que quebram as regras sociais, de convivência que se supõem serem aprendidas na infância (Garcia, 2006). No entanto, não podemos deixar passar em branco o facto de que as incivildades contra pessoas podem transformar-se em intimidação física e verbal (Abramovay & Rua, 2002).

Podemos, assim, verificar uma interligação destes conceitos com a violência (Martins, 2011; Monteiro, 2009). As causas transversais a estes três conceitos são de cariz social, onde se a família não tem capacidade para desempenhar o seu papel, é a escola que tem uma função muito importante (Monteiro, 2009).

### **1.3. *Bullying* e *Cyberbullying* – Conceitos Básicos e Relacionados**

O termo *bullying* é utilizado na psicologia anglo-saxónica, nos estudos sobre violência escolar para designar comportamentos violentos e antissociais. Este é um termo de origem inglesa que deriva do termo *bully*, que significa touro. Dada a dificuldade de tradução desta expressão para as línguas latinas, o termo manteve-se na sua origem, sendo por vezes utilizada a expressão portuguesa “maus tratos entre pares”, como a mais próxima do termo *bullying* (Botelho & Souza, 2007; Fonte & Pedra, 2008; Martins, 2011; Oliveira & Barbosa, 2012; Pereira & Júnior, 2007; Seixas, 2005). Noutros países adota-se, por vezes, outras denominações para este conceito: por exemplo na Noruega e na Alemanha utiliza-se *mobbing*, em França utiliza-se *harcèlement quotidien*, em Itália usa-se *prepotenza* ou *bullismo*, em Espanha usa-se *acoso y amenaza entre escolares* (Pereira & Júnior, 2007).

O *bullying* é então definido como um abuso de poder, onde existem comportamentos caracterizados por ações negativas, intensão de magoar, repetição e desequilíbrio de poder (físico ou social) entre a vítima e o agressor, cuja vítima não se consegue defender. Os comportamentos englobam ataques físicos e verbais e perseguição direta à(s) vítima(s) por um aluno ou por um grupo de alunos durante um longo período de tempo (Bauman, 2009; Hampel, Manhal & Hayer, 2009; Olweus, 1993; Smith, 2011). Este fenómeno pode ser direcionado a um alvo (e.g. bater, chamar nomes) ou envolver um grupo de pares que, indiretamente, atingem alguém (e.g. gozar, excluir) (Bjorkqvist, Lagerspetz, & Kaukiainen, 1992).

É ainda importante referir que o *bullying* é um ato coletivo que envolve vários participantes: agressores, vítimas e espetadores (Solberg & Olweus, 2003), intervenientes que irão ser descritos seguidamente.

O agressor (ou *bully*) utiliza estratégias negativas para manter o seu poder e domínio: troça sobre o aspeto, maneira de ser ou falar da vítima, insulta, rouba, ameaça, agride fisicamente, espalha boatos, com o objetivo de ridicularizar a vítima (Rodríguez, 2004). Os *bullies* são caracterizados por Berthold e Hoover (2000) como indivíduos que passam mais tempo em casa sem supervisão, consomem substâncias, fumam, copiam nos testes e podem levar armas para a escola. Além disso, crianças/adolescentes que são repetentes apresentam um estatuto “especial” por serem mais velhos, estarem numa turma onde são o único “estranho”, terem baixa autoestima, estando, por isso, numa pré-disposição para ser *bully*. Tal pode ser uma forma de chamar a atenção ou de ganhar estatuto no novo grupo (Pereira et al., 2004). Mais ainda, a maioria dos agressores menciona que o *bullying* é um comportamento não intencional (Cheng et al., 2011).

Relativamente às vítimas, de acordo com Phillips (2007), as vítimas são os alvos por serem diferentes. Isto é, ou porque são diferentes do grupo de pares, ou porque são mais

pequenas/fracas, ou porque apresentam dificuldades ou incapacidades em algo, ou porque são homossexuais ou bissexuais, sendo, por isso, alvos de discriminação e conseqüentemente vítimas de *bullying* (Heinrichs, 2003; Klein, 2006; Phillips, 2007; Rodríguez, 2004). Além disso, vítimas com poucos amigos ou com baixa assertividade também são mais vulneráveis (Owens, Slee & Shute, 2000).

Em Portugal, 20% refere ter sido vítima e 17% ser agressor, existindo diferenças de género nas vítimas e nos agressores (Pereira et al., 2004). Reportando a diversos estudos, os rapazes tendem a ser mais agressores que as raparigas, e utilizam mais formas de agressão física; as raparigas, enquanto agressoras, utilizam mais a agressão social (Berthold & Hoover, 2000; Card et al., 2008; Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Forero et al., 1999; Nansel et al., 2001). Além disso, crianças mais novas têm maior risco de serem vitimizadas (Whitney & Smith, 1993).

No que diz respeito aos espetadores, estes observam as atitudes do agressor e mantém-se em silêncio ou porque gostam do que veem, ou por medo de se tornarem também vítimas, ou por não terem competências sociais suficientes para evitarem, ou porque desconhecem as proporções alarmantes que esta agressividade pode tomar (Rodríguez, 2004). Muitos dos espetadores e das vítimas veem o *bullying* como um comportamento não intencional, enquanto outros compreendem as intenções dos agressores (emoções, controlo do poder) (Cheng et al., 2011).

É importante referir que existem vários tipos de *bullying*: direto, indireto e relacional. O direto subdivide-se em verbal (chamar nomes, gozar, ameaçar) e físico (bater, dar pontapés, ou qualquer forma de violência evidente para com outro indivíduo). Relativamente ao indireto, este ocorre na ausência da vítima (e.g. boatos). Quanto ao relacional, este visa prejudicar as relações interpessoais e a reputação da vítima. Existe ainda outra forma de *bullying*, utilizando a tecnologia digital: o

*cyberbullying*, comportamento que vai ser abordado mais à frente (Card et al., 2008; Crick & Grotpeter, 1995; Hampel, Manhal & Hayer, 2009; Mendez, Bauman & Guillory, 2012; Wolke et al., 2000).

O *bullying* verbal tem vindo a aumentar, enquanto que o físico tem vindo a diminuir. Tal pode dever-se ao facto de com a idade e a experiência, os jovens começarem a compreender as consequências da agressão física e a escolher envergar por formas de *bullying* menos evidentes, tais como o verbal (Craig et al., 2009; Kim et al., 2010). No entanto, existe uma incongruência na forma mais frequente de *bullying*. Por um lado, há autores que referem que o mais frequente é dar pontapés/bater e gozar (Kalliotis, 2000); por outro lado, há autores que defendem que a forma mais comum é chamar nomes (Skrzypiec, Slee, Murray-Harvey & Pereira, 2011). No que diz respeito ao género, embora para ambos a forma mais comum de *bullying* seja ser gozado/ridicularizado (Hoover, Oliver & Hazier, 1992), existem algumas diferenças: as raparigas são mais vítimas de boatos e de manipulação, i.e., de *bullying* indireto do que os rapazes (Craig et al., 2009; Owens, Slee & Shute, 2000).

Como vimos anteriormente, existem várias formas de *bullying*, sendo uma delas o *cyberbullying*, modalidade que vai ser apresentada neste tópico de forma breve e aprofundada no tópico seguinte.

O facto de ser cada vez mais fácil o acesso às inúmeras tecnologias utilizadas por crianças e jovens leva a que o *bullying* na sua forma tradicional transcenda os limites do mundo real e passe para o mundo virtual (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011). Por outro lado, muitas vezes, os jovens que utilizam a internet não são devidamente monitorizados pelos adultos sobre o conteúdo das suas atividades. Além disso, muitos pais têm o seu tempo limitado ou não compreendem as tecnologias, de modo que não têm capacidade para inspecionar o que

os seus filhos estão a fazer ao computador. Por isso, os jovens estão vulneráveis à nova forma de *bullying*: o *cyberbullying* (Cassidy, Brown & Jackson, 2012; Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008; Mark & Ratliffe, 2011; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011).

O *cyberbullying* é comum entre os adolescentes e tem vindo a tornar-se um problema crítico nas escolas, em toda a sociedade e no mundo. Além disso, este tipo de *bullying* é mais perigoso e malicioso para a saúde e bem-estar dos jovens, e, conseqüentemente, mais difícil de as escolas aprenderem a lidar (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Kowalski, Limber & Agatston, 2008; Li, 2006; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011; Slonje & Smith, 2008).

Esta modalidade ocorre frequentemente fora da escola, onde a vítima está isolada do grupo de pares, o que significa que a escola não está associada diretamente a este fenómeno (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013). No entanto, uma vez que o *cyberbullying* começa, muitas vezes, na escola (com o *bullying*) e tem continuidade no computador de casa (*cyberbullying*), a escola tem a responsabilidade de lidar com estes comportamentos proporcionando segurança nas vítimas (Cassidy, Jackson & Brown, 2009).

### **1.3.1. *Cyberbullying* – As Especificidades**

As definições de *cyberbullying* variam, mas muitos autores (Beran & Li, 2007; Chisholm, 2006; David-Ferdon & Hertz, 2007; Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Kowalski & Limber, 2007; Li, 2006; Patchin & Hinduja, 2006; Wolak, Mithcell & Finkerlhor, 2007; Ybarra & Mitchell, 2004b) concordam que o *cyberbullying* é um ato ou comportamento intencional, repetido e agressivo através de recursos eletrónicos, praticado por um ou mais indivíduos com o objetivo de causar dano intencional ou stresse emocional nos outros. As ferramentas eletrónicas através das quais se pratica

*cyberbullying* são: mensagens instantâneas, como sendo comunicações em tempo real através da internet com amigos/lista de contactos, correio eletrónico ou *e-mail*, *Short Message Service* (SMS), Serviço de Mensagens Multimédia (MMS), telefonemas, *networking sites*, salas de *chat*, *blogs* (semelhante a um diário, mas são publicados online para todos verem e são comentarem), *websites*, ou jogos *online*. O *cyberbullying* pode envolver o envio de mensagens ameaçadoras, vírus informáticos, boatos maliciosos, imagens/vídeos embaraçadoras, comentários abusivos, entre outros (Bauman, 2009; Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Hinduja & Patchin, 2010; Marées & Petermann, 2010; Mesch, 2009; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011; Smith et al., 2012; Smith et al., 2008; Vandebosh & Van Cleemput, 2009).

Existem algumas especificidades nesta nova modalidade. Antes de mais, o *cyberbullying* é ubíquo, isto é, pode ocorrer a qualquer momento, seja de dia ou de noite, em qualquer lugar (dentro ou fora da escola), e ser testemunhado por um grande número de pessoas desconhecidas, desde que se tenha disponível um dispositivo eletrónico (Kowalski & Limber, 2007; Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2012; Smith et al., 2008). Tal leva a que as vítimas se sintam encurraladas e inseguras quando recebem uma mensagem ameaçadora cada vez que veem o telemóvel ou estão *online* (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008; Patchin & Hinduja, 2006).

Além disso, o *cyberbullying* pode não ocorrer apenas com pessoas conhecidas, uma vez que as novas tecnologias permitem conectar-se com amigos/familiares/conhecidos, mas também com desconhecidos. Neste mundo “virtual” as pessoas podem esconder-se atrás de uma “máscara” e agir muito mais vezes (Suler, 2004; Vandebosch & Van Cleemput, 2009) devido ao anonimato, invisibilidade e existência de pseudónimos, que protegem a sua privacidade e facilita o comportamento antissocial, agressivo, visto que podem dizer algo que não o diriam pessoalmente e não veem a reação da vítima, criando

medo e intimidação na mesma (Bauman, 2009; Chen et al., 2008; Erdur-Baker, 2010; Pujazon-Zazik & Park, 2010; Rodríguez, 2004; Strom et al., 2011; Suler, 2004; Woo, 2006; Ybarra & Mitchell, 2004b).

O anonimato envolvente nesta modalidade representa assim poder, uma vez que dificulta a identificação da fonte de agressão (Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2008), onde o agressor pode agredir as vítimas mesmo estando longe fisicamente, e cria uma sensação de segurança, pois diminui o medo de serem apanhados (Bauman, 2009; Erdur-Baker, 2010; Pujazon-Zazik & Park, 2010). O facto de muitos agressores serem anónimos torna o combate ao *cyberbullying* muito difícil (Li, 2006).

Todas estas características são únicas do *cyberbullying*, tornando-o mais aliciante para os agressores (Campbell, 2005; Erdur-Baker, 2010; Pujazon-Zazik & Park, 2010). Comparativamente com o *bullying* na sua forma tradicional, a omnipresença de dispositivos eletrónicos torna o alcance desta modalidade muito superior (Smith et al., 2012).

À semelhança do *bullying*, o *cyberbullying* envolve agressores, vítimas e espetadores (Heiman & Olenik-Shemesh, 2013), mas nesta modalidade em particular, os mesmos adolescentes podem ser vítimas e agressores (Erdur-Baker, 2010). Assim, irá ser abordado os vários intervenientes desta forma de *bullying*.

#### **1.3.1.1. Intervenientes do *Cyberbullying***

A tecnologia permite aos agressores distanciarem-se da vítima e serem anónimos, não havendo uma interação direta entre os pares, o que os torna mais desinibidos; assim, podem divulgar material nocivo, em segundos para um grande número de pessoas (público/espetadores) dispersas por várias partes do mundo (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Kowalski & Limber, 2007; Patchin & Hinduja, 2011; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011).

O agressor (ou *cyberbully*) tem maior probabilidade de já se ter envolvido noutros incidentes de *cyberbullying* como vítima ou espetador (Vandebosch & Van Cleemput, 2009), sendo que uma vez não tendo confiança ou um estatuto social elevado para vitimizarem diretamente os outros, fazem-no através deste comportamento (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013). O agressor pode praticar estes comportamentos por vários motivos: ou porque não vê a reação da vítima, logo não tem empatia (Kowalski, Limber & Agatston, 2008; National Crime Prevention Council, 2007); ou percebe o seu próprio comportamento como algo divertido ou de puro entretenimento, não analisando/compreendendo o impacto que tem na vítima (Kowalski, Limber & Agatston, 2008; National Crime Prevention Council, 2007); ou simplesmente por vingança (Vandebosch & Van Cleemput, 2009). No entanto, é de salientar que existem autores (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013) que defendem o abandono destes comportamentos ao longo do tempo, possivelmente pela consciência da consequência dos seus comportamentos no outro.

Não existe consenso na diferença de género em ser agressor (Vandebosch & Van Cleemput, 2009); no entanto, há autores (Huang & Chou, 2010; Li, 2006; Smith et al., 2008; Wang, Ionnotti & Nansel, 2009) que defendem que são os rapazes a assumirem maioritariamente este papel. Relativamente à idade, também existe pouco consenso, contudo Slonje e Smith (2008) e Williams e Guerra (2007) referem que a prevalência é maior nos mais novos (12-15 anos).

Relativamente às vítimas, estas encaixam neste perfil porque, à semelhança do *bullying*, não se enquadram em determinados padrões: vestuário, etnia, aparência física, incapacidades académicas ou atléticas (Cassidy, Jackson & Brown, 2009).

Para a vítima de *cyberbullying*, a incapacidade de identificar o agressor aumenta o nível de medo, visto que o autor pode ser qualquer pessoa (inclusive amigos chegados)

e até pode haver vários agressores envolvidos (Cruz, 2011; Mark & Ratliffe, 2011; Smith et al., 2008;). Além disso, o medo de represálias (i.e., terem restrições no uso de tecnologias, não tendo contacto com os pares) é o principal motivo pelo qual os jovens mantêm a sua vitimização em silêncio. A vítima pode bloquear os remetentes, como forma a fugir ao *cyberbully*, no entanto, este pode adquirir outro nome/perfil ou número, atacando, de novo, a vítima (Bauman, 2009).

À semelhança dos agressores, não existe muito consenso relativamente ao género das vítimas, no entanto, há autores (Brighi et al., 2012; Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Huang & Chou, 2010; Li, 2006; Li, 2007; Smith et al., 2008; Wang, Ionnotti & Nansel, 2009) que revelam que mais de metade das vítimas é raparigas. Também não existe unanimidade quanto à idade das vítimas (Vandebosch & Van Cleemput, 2009); porém segundo *Safer Internet for Children - Qualitative study in 29 European Countries* (2007), a maioria das vítimas são crianças mais novas.

Os espetadores testemunham as mensagens que são enviadas pelos agressores às vítimas. Ocasionalmente, podem ter uma parte ativa no *cyberbullying*, encaminhando as mensagens para outras pessoas ou respondendo “nos bastidores” (Heiman & Olenik-Shemesh, 2013; Willard, 2007), mas também suportam e encorajam os *cyberbullies* (Coloroso, 2003; Willard, 2007). Também os espetadores preferem estar silenciados ao invés de contarem aos adultos, não falando dos incidentes ocorridos (Li, 2006).

### **1.3.1.2. Tipos de Cyberbullying**

Tal como o *bullying*, esta modalidade tem várias formas que são, de acordo com Willard (2007), as seguintes: *flaming*, perseguição (*harassment*), difamação (*denigration*), representação (*impersonation*), *outing*, gozar (*trickery*), excluir (*exclusion*) e *cyberstalking*, que estão descritas seguidamente.

O *flaming* diz respeito a breves e acaloradas discussões entre dois ou mais indivíduos através de uma tecnologia (e.g. e-mail, sala de chat); refere-se a ira, mensagens de confronto, utilizando, muitas vezes, linguagem explícita. A perseguição (*harassment*) envolve enviar, de forma repetida, mensagens cruéis, ofensivas, rudes ou com insultos. A difamação (*denigration*) inclui enviar ou colocar rumores cruéis e falsos (e.g. fotos, vídeos) sobre alguém de forma a prejudicar a reputação desse indivíduo ou as suas relações. A representação (*impersonation*) diz respeito à invasão da conta de alguém, fazendo-se passar por essa pessoa e enviando mensagens, a fim de a vítima ficar em problemas/perigo ou para prejudicar a reputação/amizades da mesma. Relativamente ao *outing*, é a exibição pública ou encaminhamento de comunicações/imagens pessoais que contém informação sensível ou de carácter sexual. *Trickery* refere-se a gozar ou induzir alguém a revelar segredos, sendo, posteriormente, partilhado *online*. A exclusão (*exclusion*) inclui a recusa deliberada de aceitar alguém num *site* ou numa rede social (e.g. ser excluído da lista de contactos). Por fim, o *cyberstalking* refere-se ao uso de meios de comunicação eletrónica para perseguir outra pessoa (enviar mensagens com ameaças de agressão física ou de natureza intimidatória, envolver outrem em atividades *online* que a levam a recear a sua segurança) (Willard, 2007).

### **1.3.2. Cyberbullying – Uma Extensão do Bullying**

De acordo com Brown, Jackson e Cassidy (2006) e Kowalski, Limber e Agatston (2008) *bullying* gera *bullying*. Por isso, tem sido sugerido que o *cyberbullying* é uma continuação/extensão do *bullying*, ou seja, o *bullying* começa na escola e continua no mundo “virtual” (Bauman, 2009; Li, 2005; Monks, Robinson & Worlidge, 2012; Sourander et al., 2010; Vandebosch & Van Cleemput, 2009).

Li (2005) também reforça a ideia de que o *cyberbullying* não deve ser separado do *bullying* pois estes estão significativamente correlacionados, visto que cerca de 30% dos *bullies*, são também *cyberbullies*; e um em cada três vítimas de *bullying* também é de *cyberbullying*.

É importante ressaltar que embora o *cyberbullying* esteja a aumentar, tal não significa que o *bullying*, na sua forma tradicional, esteja a diminuir (Sakellariou, Carrol & Houghton, 2012).

Existem, portanto, semelhanças e diferenças a considerar entre ambas as modalidades.

Tal como o *bullying*, o *cyberbullying* envolve ações hostis de forma repetida, que têm lugar numa relação onde existe uma diferença de poder (Li, 2006; Olweus, 1993; Pepler & Craig, 2000). Além disso, ambos são testemunhados pelos pares, uma vez que, no *cyberbullying*, são colocadas mensagens *online*, ficando visíveis para conhecidos bem como para desconhecidos (Beran & Li, 2007).

No entanto, a questão da repetição e desequilíbrio de poder são mais difíceis de definir. Quanto à repetição, no *cyberbullying*, por exemplo, apenas há a tonalidade das palavras, uma vez que não há contacto ocular; assim, quando um agressor faz um comentário abusivo, este pode ser visionado repetidamente (durante dias, meses), gerando humilhação; enquanto que no *bullying*, o comentário desaparece quando termina de falar. Relativamente ao desequilíbrio de poder, no espaço virtual tal deve-se ao nível de conhecimento das tecnologias, mas também à identidade desconhecida perante uma identidade conhecida; além disso, muitas vítimas experienciam desamparo, pois o seu agressor permanece anónimo não havendo forma de fugir ao *cyberbullying*, uma vez que este fenómeno ocorre em qualquer lugar, a qualquer momento, como

referido anteriormente (Slonje & Smith, 2008; Vandebosch & Van Cleemput, 2009; Ybarra & Mitchell, 2004a).

O que distingue essencialmente o *cyberbullying* do *bullying* são as seguintes características: o anonimato do agressor; uma grande audiência (espetadores); não ter medo de ser apanhado; a incapacidade do perpetrador observar as reações imediatas da vítima; ausência de restrições de tempo e espaço; fraca supervisão dos pais; e ser mais agressivo *online* do que seria cara-a-cara) (Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Greene, 2006; Kowalski, Limber & Agatston, 2008; Slonje & Smith, 2008; Ybarra et al., 2007).

Outras diferenças remetem para o *cyberbullying*, ao contrário do *bullying*, poder ser exercido por qualquer jovem, independentemente da sua posição social ou popularidade na escola (Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Mark & Ratliffe, 2011; Willard, 2007); e para o *bullying* utilizar o poder físico ou social, enquanto que o *cyberbullying* requer conhecimentos especializados nas várias tecnologias, como já referido (Bauman, 2009). A exposição *online* de comportamentos de *bullying* evidentes também difere pois alguns comportamentos de *bullying* evidentes (bater, fazer gestos obscenos, danificar objetos dos outros), não são possíveis no mundo virtual, uma vez que comportamentos de *cyberbullying* evidentes incluem ameaças *online*, imagens ameaçadoras ou inoportunas, danificar “propriedade” *online* através de vírus ou fazer-se passar por outrem (Vandebosch & Van Cleemput, 2009).

Como foi possível averiguar ao longo deste capítulo, é na adolescência que é visível o auge dos comportamentos violentos, englobando assim o *bullying*. Com o aumento do uso das novas tecnologias, surgiu então uma nova forma de *bullying*: o *cyberbullying*, que contém especificidades que tornam esta modalidade única e muito difícil de combater. É, então, importante ir às origens e primeiros estudos deste fenómeno e

conhecer os modelos e teorias que ajudam na explicação do mesmo, bem como abordar o impacto que o *bullying* na sua forma tradicional e na forma de *cyberbullying* têm na vida dos adolescentes.

**CAPÍTULO II**

***BULLYING E CYBERBULLYING – ESTUDOS E MODELOS***

---

## **2.1. As Origens e os Primeiros Estudos**

O *bullying* é um fenómeno muito antigo. Foi a partir dos anos 70 que começou a ser estudado, sendo o seu pioneiro Dan Olweus, psicólogo norueguês, que ao investigar as tendências suicidas dos adolescentes, relacionou o *bullying* com práticas de intimidação, humilhação e agressão (Botelho & Souza, 2007; Estanqueiro, 2012; Flores, 2007; Fonte & Pedra, 2008; Oliveira & Barbosa, 2012; Pereira & Júnior, 2007). No final da década de 70, Olweus deu origem à Campanha Nacional contra o *bullying* (Botelho & Souza, 2007).

Após os primeiros estudos de Olweus, começou a existir um grande interesse pelo *bullying* e surgiram estudos em diversos países com o objetivo de deter este fenómeno, começando a ter visibilidade devido aos vários casos existentes (por vezes trágicos) nas escolas (Flores, 2007; Pereira & Júnior, 2007). Além disso, este fenómeno foi considerado um problema mundial e de saúde pública (Almeida, Silva & Campos 2008; Fonte & Pedra, 2008; Nansel et al., 2004).

## **2.2. Modelos e Teorias Relacionados**

É importante compreender este comportamento. Para tal, é necessário recorrer a algumas teorias e modelos.

Existe um modelo de agressão-motivação e a teoria do domínio. O modelo refere-se ao facto de o agressor perder o controlo e atacar alguém inferior quando está perante stresse externo. Tal significa que os agressores têm papéis reativos causados por fatores de stresse externo. Por outro lado, a teoria do domínio remete para os agressores utilizarem a agressão para estabelecer um domínio dentro do grupo de pares (Swearer et al., 2006).

Existem ainda três teorias que já foram aplicadas ao comportamento criminal e que podem ser explicações credíveis para o *bullying*: baixo autocontrolo, teoria da associação diferencial e teoria geral da tensão (Moon, Hwang & McCluskey, 2008).

É ainda fundamental compreender e explicar a ligação entre as duas modalidades (*bullying* e *cyberbullying*). Para isso vamos abordar a Teoria de Posição Social.

### **2.2.1. Baixo Autocontrolo**

Indivíduos com baixo autocontrolo apresentam maior probabilidade de procurarem a satisfação imediata, por serem fisicamente ativos, insensíveis com os outros, e por possuírem baixas capacidades cognitivas e académicas (Gottfredson & Hirshi, 1990). Desta forma, de acordo com Moon, Hwang e McCluskey (2008), indivíduos com baixo autocontrolo têm maior probabilidade de envergarem por comportamentos criminais e comportamentos análogos ao crime. O *bullying* é então, segundo o mesmo autor, um exemplo prático uma vez que estes agressores são mais impulsivos, demonstram fraca empatia com os outros e são facilmente provocados.

### **2.2.2. Teoria Geral da Tensão**

O grande propósito desta teoria é que as tensões causam a delinquência; além disso, as tensões geram emoções negativas, tais como a raiva, ansiedade, depressão, que por sua vez influencia a delinquência (Moon, Hwang & McCluskey, 2008). Assim, segundo Agnew (1992), quando os indivíduos são tratados de forma injusta ou expostos a estímulos negativos (e.g. abuso físico/emocional, maus tratos rejeição), experienciam emoções negativas (sobretudo a raiva), gerando comportamentos delinquentes, como o *bullying* (Moon, Hwang & McCluskey, 2008).

### **2.2.3. Teoria da Posição Social**

A Teoria da Posição Social, como já foi referido, explica a ligação existente entre *bullying* e *cyberbullying*. Esta postula que o grupo de pares estabelece-se como uma

hierarquia onde alguns elementos utilizam a agressão para dominarem os pares como forma de ganhar prestígio, poder e acesso a recursos (Pellegrini & Long, 2002), podendo manter-se ao longo do tempo (Sharp, Thompson & Arora, 2000). Consequentemente, um jovem que se submete a estes comportamentos na escola, tem maior probabilidade de experienciar, adicionalmente, *cyberbullying* que persiste ao longo do tempo, em contextos fora da escola (Beran & Li, 2007).

### **2.3.A Evolução dos Estudos a Respeito de *Bullying* e/ou de *Cyberbullying***

Como já vimos no ponto que fala sobre a origem deste conceito, este fenómeno começou a ser estudado nos anos 70 por Olweus que despertou noutros investigadores e noutros países o interesse por esta temática (e.g. conhecer causas, delinear estratégias), havendo um crescendo de estudos ao longo dos anos.

Foi através de inúmeras tragédias (suicídios) sucessivas de vítimas de *bullying*, que este fenómeno deixou de ser meramente investigado a nível académico, espalhando-se progressivamente nos vários países europeus (Soares & Varella, 2013). Assim, foram-se replicando os estudos chegando este fenómeno a ser considerado como um Projeto Europeu, destacando-se investigações nos seguintes países: Reino Unido, Espanha, Itália e Portugal (Flores, 2007).

Em Portugal, foi a partir da década de 90 que o *bullying* começou a ser objeto de investigação, destacando-se os estudos de Fonseca, em 1992 (estudo sobre a incidência de comportamentos antissociais, onde o *bullying* está incluído, em várias escolas do ensino básico e secundário) e de Pereira, Almeida e Valente, em 1994 (que revelou que este fenómeno é um problema sério, sendo necessário um estudo mais profundo). Estes investigadores, em conjunto, realizaram outros estudos verificando uma grande percentagem de vítimas de *bullying*. Outros autores como Matos e Carvalhosa realizaram um estudo que concluiu existirem, em escolas de todo o país, um grande

número de crianças/jovens envolvidos neste fenómeno, como vítimas, agressores ou ambos (Flores, 2007).

De uma forma geral, os estudos que têm sido realizados, indicam que este é um fenómeno muito experienciado nas escolas, sendo imperativo prevenir e intervir nestas situações o mais cedo possível evitando consequências mais graves, como as que Olweus estudou (suicídio) (Flores, 2007).

Relativamente ao *cyberbullying*, nos últimos anos, quando surgiram as novas tecnologias, a sua utilização começou a ser objeto de investigação, sobretudo no que diz respeito à possível ligação entre a exposição às tecnologias e à manifestação de comportamentos antissociais. Além disso, tem-se investigado o facto de, embora estes meios de comunicação apresentem muitos benefícios, também representam muitos riscos principalmente para crianças e jovens. Este foi o primeiro momento de investigação relativamente aos meios de comunicação, por serem algo relativamente recente e estarem em permanente expansão, a vários níveis, ao longo do tempo. Assim, existem poucos estudos sobre *cyberbullying* (Amado et al., 2009; Campos, 2009).

Porém, em vários países esta nova modalidade tem sido alvo de várias investigações, existindo, por isso, autores que se destacam pelas suas investigações nesta área, em vários países, nomeadamente, Kowalski e Limber, em 2007, Juvonen e Gross, em 2008 (nos Estados Unidos da América), Lodge e Frydenberg, em 2007 (na Austrália), Arikaci e colaboradores, em 2008 (na Turquia), Ortega, Calmaestre e Merchán, em 2008 (em Espanha), Li, em 2008 (no Canadá e na China) e Almeida e colegas, em 2008 (em Portugal). Também se podem destacar Raskaukas e Stoltz, em 2007, Dehue, Bolman e Völlink, em 2008, Patchin e Hinduja, em 2006. Através das investigações destes autores, foi possível concluir que esta nova modalidade começou a ser preocupante em várias partes do mundo, sendo por isso uma problemática transversal (Campos, 2009).

Em Portugal, há poucos estudos acerca desta problemática bem como do seu impacto, sendo que muitos dos dados que existem sobre *cyberbullying*, advém de projetos de investigação individuais. Ao contrário de outros países, como os Estados Unidos da América e o Canadá, em Portugal este comportamento não tem moldura penal. É então muito importante que se realizem estudos sobre esta temática de modo a compreender e caracterizar este comportamento aprofundadamente e de forma realista. Contudo, embora as investigações estejam um pouco aquém, têm-se tomado iniciativas para informar e tentar combater esta modalidade (Amado et al., 2009; Tavares, 2012).

#### **2.4. Consequências a Considerar**

Como foi supracitado, os estudos apontam para a importância de intervir neste fenómeno (em ambas as modalidades) para evitar e/ou atenuar as consequências que este fenómeno pode ter na vida das crianças/jovens. São essas consequências que vamos abordar seguidamente.

No que diz respeito aos agressores, estes têm maior probabilidade de cometerem crimes quando se tornam mais velhos e de se envolverem em violência doméstica (Klein, 2006; Moon, Hwang & McCluskey, 2008).

Relativamente às vítimas, um aluno que seja vítima de *bullying* começa a ter baixa autoestima, bem como baixo desempenho/rendimento escolar destacando-se dificuldades de aprendizagem e problemas de concentração (Li & Beran, 2007; Sharp & Smith, 1994). As vítimas de *bullying* apresentam maior risco de depressão, ideação suicida e tentativas de suicídio (Ferreira, 2013; Sharp & Smith, 1994). Mais ainda, vítimas de *bullying* na escola têm maior probabilidade de o serem também em adultos, no contexto de trabalho (Chapell et al., 2006). No entanto, indivíduos que foram vítimas numa idade precoce podem vir a ser agressores quando mais velhos (no ciclo ou no secundário) (Chapell et al., 2006).

Tanto as vítimas como os agressores têm uma maior probabilidade de apresentarem problemas psicossociais, dificuldades de ajustamento na escola e comportamentos de internalização e externalização (Card et al., 2008; Graham, Bellmore & Mize, 2006; Hawker & Boulton, 2000; Nansel et al., 2001).

Embora a duração do *cyberbullying* (três a seis meses) seja inferior à do *bullying*, as consequências negativas são tanto ou mais prejudiciais (e.g. medo, depressão) (Smith et al., 2008). Os efeitos negativos do *cyberbullying* devem-se, em parte, ao facto de este fenómeno ser testemunhado por muito mais pessoas que o *bullying* (Kowalski & Limber, 2007; Smith et al., 2008). Tal verifica-se porque quando se transporta a violência para o mundo virtual, a sua intensidade aumenta. Como já foi referido, no *bullying*, existe a possibilidade de haver separação física entre agressor e vítima; no *cyberbullying*, a separação física não garante a cessação dos atos (Mesch, 2009).

## **PARTE B – CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA**

---

## **CAPÍTULO III**

### **O ESTUDO**

---

### **3.1. Método**

O presente estudo obedeceu a um desenho exploratório, descritivo, transversal, observacional, baseado na análise de dados obtidos por autorrelato. Assim, apelou-se ao método do inquérito, suportado pela técnica do questionário.

Deste modo pretendeu-se obter respostas às questões apresentadas inicialmente, que passam a ser recordadas: i) Genericamente, que padrões de ocorrências de *bullying* e *cyberbullying* se poderão identificar nas escolas a analisar?; ii) As raparigas serão mais frequentemente vítimas de *cyberbullying* e/ou *bullying* que os rapazes?; iii) Os rapazes serão mais frequentemente agressores que as raparigas, no âmbito das modalidades de *cyberbullying* e/ou *bullying*?; iv) As vítimas de *bullying* tendem a ser também vítimas de *cyberbullying*?; v) Os *cyberbullies* serão também *bullies*?

Recorde-se ainda que, tendo em vista a obtenção de respostas para estas questões, foram definidos objetivos, sendo o mais geral o de analisar o fenómeno de *bullying*, nas duas modalidades presencial e virtual (*cyberbullying*). Mais especificamente, traçaram-se os objetivos de captar a prevalência do *bullying* e do *cyberbullying*, nas escolas; averiguar a eventual existência de uma ligação entre as duas modalidades de *bullying*; perceber como estarão ligados o *bullying* e o *cyberbullying*, em contexto do ensino secundário; e capturar aspetos como a associação entre o sexo e o papel do indivíduo nos fenómenos.

De forma a alcançar estes objetivos e responder às questões supracitadas, é importante caracterizar a amostra deste estudo, bem como expor todo o material e procedimento utilizados.

#### **3.1.1. Participantes**

No que diz respeito à caracterização da amostra, é de salientar que tivemos o cuidado de balancear, ou equilibrar, os participantes em termos do sexo. Assim, no que

a esta variável se refere, temos o total de 116 indivíduos igualmente repartido entre os sexos masculino e feminino (Cf. Quadro 1.1.). Não obstante, e porque outras variáveis caracterizam a amostra selecionada, passam a apresentar-se os seus valores.

Quadro 1.1.

**Distribuição da amostra em função do sexo.**

| Quadro – Sexo dos Participantes |                     |                         |
|---------------------------------|---------------------|-------------------------|
| Sexo                            | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Feminino                        | 58                  | 50                      |
| Masculino                       | 58                  | 50                      |
| Total                           | 116                 | 100                     |

Efetivamente, os alunos inquiridos neste estudo eram todos pertencentes ao ensino secundário, frequentando os anos entre o 10º e o 12º. Já no que diz respeito à idade dos participantes (Cf. Quadro 1.2.), 83 alunos (71.6%) tinham entre 15 e 17 anos, e 32 (27.6%) tinham entre 18 e 20 anos. Note-se que apenas um aluno (0.86%) tinha uma idade compreendida entre 21 e 23 anos. Ainda em relação à idade, é importante referir que o desvio-padrão assumiu um valor de 0.5, sendo que a média de idades destes alunos correspondeu ao intervalo entre 15 e 17 anos.

Quadro 1.2.

**Distribuição da amostra em função da idade.**

| Quadro – Sexo dos Participantes |                     |                         |
|---------------------------------|---------------------|-------------------------|
| Idade                           | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Entre 15 e 17                   | 83                  | 71.6                    |
| Entre 18 e 20                   | 32                  | 27.6                    |
| Entre 21 e 23                   | 1                   | 0.8                     |
| Total                           | 116                 | 100                     |

Pareceu ser importante averiguar se, para estudar no estabelecimento de ensino em que se encontram, os participantes estão deslocados da sua área de residência. O que se constatou (Cf. Quadro 1.3.) foi que, do total de indivíduos, mais de metade (56%) respondeu não ter de se afastar da sua área de residência para frequentar a escola, muito embora uma frequência considerável (mais de 42%) tenha referido ter de fazer essas deslocações.

Quadro 1.3.

**Distribuição da amostra em da deslocação relativamente à área de residência.**

| Quadro – Deslocação, do domicílio, para frequentar escola |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Resposta  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Sim   | 49                  | 42.2                    |
| Não   | 65                  | 56.0                    |
| Total Parcial   | 114                 | 98.2                    |
| Não Respondeu   | 2                   | 1.8                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Após apresentada a caracterização da amostra, é então necessário proceder à descrição do material, bem como do procedimento utilizados na presente investigação.

### **3.1.2. Material e Procedimento**

A informação necessária para a investigação implicou o recurso a alguns materiais, cuja pertinência se impôs para que se passasse à recolha de dados, como passa a expor-se, de forma fundamentada:

- i) Declaração de Consentimento Informado para Encarregados de Educação dos alunos menores de idade (cf. Anexo I), com a devida explicação do estudo e garantia do anonimato e confidencialidade dos dados e cuja assinatura do Encarregado de Educação autoriza o seu educando a participar;
- ii) Declaração de Consentimento Informado para os participantes com idade igual ou superior a 18 anos (cf. Anexo II), com a devida explicação da investigação e garantia do anonimato e confidencialidade dos dados, e cuja assinatura indica a livre vontade do indivíduo participar no estudo;
- iii) Questionário para analisar o *bullying*: Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar (Trabulo & Soeiro, 2011) (cf. Anexo III), utilizado com a devida autorização das autoras (cf. Anexo IV). Foi verificado o alfa de *Cronbach* das quatro escalas deste instrumento: “Sobre mim e a minha família” ( $\alpha = 0.47$ ), “O que já me fizeram na escola?” ( $\alpha = 0.82$ ), “O que já fiz na escola?” ( $\alpha = 0.88$ ) e “O que já vi na escola?” ( $\alpha = 0.92$ ), pelo que a primeira escala não foi utilizada na análise estatística deste estudo;

- iv) Questionário para analisar o *cyberbullying*: Indicadores de *Cyberbullying* – Questionário de Avaliação (Nunes & Fonseca, 2014), construído propositadamente para o efeito (cf. Anexo V), tendo sido submetido a um pré-teste que revelou haver fácil perceção e resposta ao instrumento que, desta forma, se revelou funcional para o efeito a que se destinava.

Relativamente ao procedimento, primeiramente foi necessário obter a autorização por parte do Ministério da Educação, bem como junto dos Diretores dos Agrupamentos das Escolas, a que se juntou a aprovação por parte da Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa. De seguida, foram combinados os melhores dias, de acordo com as escolas e respetivas rotinas, para apresentar aos possíveis participantes todas as informações a respeito do estudo, dos seus objetivos e propósitos, da duração prevista e do destino a dar aos dados, garantindo confidencialidade e anonimato e assegurando que, a cada momento, o indivíduo poderia cessar a sua participação sem quaisquer consequências, sendo então apresentada a declaração de Consentimento Informado. Como seria de esperar, o tratamento em termos de obtenção de consentimento informado, foi diferente relativamente aos estudantes menores e maiores de idade. Assim, no que diz respeito aos alunos menores de idade, houve o cuidado acrescido de consultar os respetivos representantes legais, a fim de obter também o seu consentimento em relação à participação dos jovens.

Num segundo momento, em concordância com as escolas, foram recolhidas as Declarações de Consentimento Informado e administrados os questionários para analisar este comportamento nas duas modalidades. O primeiro encontro (para explicar o estudo e entregar a declaração de Consentimento Informado) teve uma duração de cerca de dez minutos em cada turma. Por outro lado, o segundo encontro (recolha da declaração de Consentimento Informado e aplicação dos questionários) variou na sua

duração (entre 10 a 20 minutos) dependendo do número de alunos por turma. Em suma, pode considerar-se que foi despendido, em média, cerca de 15 minutos para a recolha de dados em cada turma.

É ainda importante referir as condições dos dados recolhidos. Estes foram recolhidos em sala de aula, com a devida autorização do docente da disciplina em questão. O número de alunos por turma foi variado, o que levou a uma gestão de tempo diferente consoante a turma.

Por último procedeu-se ao estudo estatístico dos dados recolhidos a fim de responder às questões e objetivos colocados inicialmente.

### **3.2. Resultados**

Uma vez exposto o estudo propriamente dito, o seu método e procedimento, é então a altura de apresentar os resultados. Antes de mais é importante descrever a prevalência dos comportamentos de ambas as modalidades do fenómeno, sendo o *cyberbullying* primeiramente descrito, seguido do *bullying* na sua forma tradicional.

Primeiro, foi importante analisar os padrões de utilização da *internet*, onde a maioria dos sujeitos referiu utilizá-la diariamente, sendo que 49.1% usa entre duas a cinco vezes por dia e 25% mais de seis vezes por dia. Mais, a maioria (26.7%) passa entre cinco e nove horas por semana “ligado” à *internet* e 23.3% mais de 19 horas por semana. Relativamente aos perfis nas redes sociais e endereços de e-mail, 66.4% refere ter entre um e três perfis e 87.9% diz ter entre um e três endereços de e-mail.

Começando, então, pela prevalência de comportamentos do *cyberbullying*, como se pode verificar pela apresentação do quadro 1.4., a maioria dos sujeitos deste estudo não foram vítimas de quaisquer comportamentos. Porém, destacam-se alguns itens pela sua frequência, nomeadamente: “divulgaram informação falsa a meu respeito (mentiras, calúnias, ...)”; “enviaram-me mails (ou SMS’s) para me insultarem”; “partilharam com

outras pessoas informação a meu respeito, sem que eu autorizasse”; “partilharam com outras pessoas informação pessoal /ou íntima, causando-me embaraço”; “enviaram-me mails (ou SMS’s) para me ameaçarem/intimidarem”; “usaram a minha imagem (fotografias) e divulgaram-na sem a minha autorização”; “excluíram-me de grupos e jogos *online* em que eu pretendia participar”. Seguidamente podem ainda destacar-se os seguintes comportamentos: “entraram na minha conta de email sem a minha permissão”; “usaram a minha imagem (fotografias) para postarem sobre mim e sem a minha autorização”.

Quadro 1.4.

**Prevalência de comportamentos referentes ao último ano letivo, na Escala “Comportamentos de que foi alvo” do instrumento de *Cyberbullying*.**

| COMPORTAMENTO: Entraram na minha conta de e-mail sem a minha permissão                             |                     |                         |
|--|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 89                  | 76.7                    |
| 1 a 3 vezes  | 26                  | 22.4                    |
| 4 a 6 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usaram a minha conta de e-mail para enviar mensagens insultuosas aos meus contactos |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 110                 | 94.8                    |
| 1 a 3 vezes  | 6                   | 5.2                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Enviaram-me mails (ou SMS's) para me insultarem                                     |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 92                  | 79.3                    |
| 1 a 3 vezes  | 18                  | 15.5                    |
| 4 a 6 vezes  | 4                   | 3.4                     |
| 7 ou mais vezes  | 2                   | 1.7                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Enviaram-me mails (ou SMS's) para me ameaçarem/intimidarem                          |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 101                 | 87.1                    |
| 1 a 3 vezes  | 12                  | 10.3                    |
| 4 a 6 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Partilharam com outras pessoas informações a meu respeito, sem que eu autorizasse   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 92                  | 79.3                    |
| 1 a 3 vezes  | 20                  | 17.2                    |
| 4 a 6 vezes  | 3                   | 2.6                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Partilharam com outras pessoas informação pessoal e/ou íntima, causando-me embaraço |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 99                  | 85.3                    |
| 1 a 3 vezes  | 15                  | 12.9                    |
| 4 a 6 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |

Uma vez que não foi possível apresentar todos os resultados correspondentes à Escala “Comportamentos de que foi alvo” do questionário de *Cyberbullying*, segue-se outro quadro com os restantes resultados.

Quadro 1.5.

**Prevalência de comportamentos referentes ao último ano letivo, na Escala “Comportamentos de que foi alvo” do instrumento de Cyberbullying (continuação do quadro 1.4.).**

| COMPORTAMENTO: Divulgaram dados a meu respeito colocando-me em situação de risco/perigo                           |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 109                 | 94.0                    |
| 1 a 3 vezes   | 6                   | 5.2                     |
| 7 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 119                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Divulgaram informação falsa a meu respeito (mentiras, calúnias,...)                                |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 77                  | 66.4                    |
| 1 a 3 vezes   | 32                  | 27.6                    |
| 4 a 6 vezes   | 5                   | 4.3                     |
| 7 ou mais vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usaram a minha imagem (fotografias) e divulgaram-na sem a minha autorização                        |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 104                 | 89.7                    |
| 1 a 3 vezes   | 9                   | 7.8                     |
| 4 a 6 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| 7 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usaram a minha imagem (fotografias) para postarem sobre mim e sem a minha autorização              |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 103                 | 88.8                    |
| 1 a 3 vezes   | 12                  | 10.3                    |
| 4 a 6 vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Excluíram-me de grupos e de jogos online em que eu pretendia participar                            |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 104                 | 89.7                    |
| 1 a 3 vezes   | 8                   | 6.9                     |
| 4 a 6 vezes   | 3                   | 2.6                     |
| 7 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Criaram-me situações difíceis de forma a que eu tenha medo de entrar na internet e de sair de casa |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 111                 | 95.7                    |
| 1 a 3 vezes   | 3                   | 2.6                     |
| Total Parcial   | 114                 | 98.3                    |
| Não Respondeu   | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Relativamente aos comportamentos dirigidos a outros, ao nível do *cyberbullying*, e à semelhança da outra escala, a maioria dos sujeitos deste estudo não perpetrou os comportamentos listados (Cf. Quadro 1.6.), havendo, no entanto um item (“excluí outro(s) de grupos e de jogos *online*”) que se distingue. Contudo, existem outros comportamentos que também tiveram um lugar de destaque, designadamente: “partilhei

com outras pessoas informação a respeito de outro(s), sem autorização para tal”; entrei na conta de email de outro(s) sem a sua permissão”; “usei a imagem (fotografias) de outro(s) e divulguei-a sem a sua autorização”; “enviei mails (ou SMS’s) para insultar outro(s)”; “enviei mails (ou SMS’s) para ameaçar/intimidar outro(s)”; “usei a conta de e-mail de outro(s) para enviar mensagens insultuosas aos seus contactos”. É ainda importante referir que em todos os comportamentos, quatro alunos não responderam a esta escala, sendo que no último item foram cinco os alunos que não responderam.

Quadro 1.6.

**Prevalência de comportamentos referentes ao último ano letivo, na Escala “Comportamentos dirigidos a outros” do instrumento de *Cyberbullying*.**

| COMPORTAMENTO: Entrei na conta de e-mail de outro(s) sem a sua permissão                                 |                     |                         |
|--|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 102                 | 87.9                    |
| 1 a 3 vezes  | 9                   | 7.8                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial  | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usei a conta de e-mail de outro(s) para enviar mensagens insultuosas aos seus contactos   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 110                 | 94.8                    |
| 1 a 3 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 4 a 6 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial  | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Enviei mails (ou SMS's) para insultar outro(s)  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 106                 | 91.4                    |
| 1 a 3 vezes  | 5                   | 4.3                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial  | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Enviei mails (ou SMS's) para ameaçar/intimidar outro(s)                                   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 110                 | 94.8                    |
| 1 a 3 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 7 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial  | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Partilhei com outras pessoas informações a respeito de outro(s), sem autorização para tal |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 101                 | 87.1                    |
| 1 a 3 vezes  | 10                  | 8.6                     |
| 4 a 6 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial  | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |

Não sendo possível apresentar todos os resultados respeitantes à Escala “Comportamentos dirigidos a outros” do questionário do *Cyberbullying*, os restantes serão revelados no próximo quadro.

Quadro 1.7.

**Prevalência de comportamentos referentes ao último ano letivo, na Escala “Comportamentos dirigidos a outros” do instrumento de Cyberbullying (continuação do quadro 1.6.).**

| COMPORTAMENTO: Partilhei com outras pessoas informação pessoal e/ou íntima de outro(s), causando-lhe(s) embaraço        |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 108                 | 93.1                    |
| 1 a 3 vezes   | 4                   | 3.4                     |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Divulguei dados a respeito de outro(s) colocando-o(s) em situação de risco/perigo                        |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 110                 | 94.8                    |
| 1 a 3 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Divulguei informação falsa a respeito de outro(s) (mentiras, calúnias,...)                               |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 112                 | 96.6                    |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usei a imagem (fotografias) de outro(s) e divulguei sem a sua autorização                                |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 109                 | 87.9                    |
| 1 a 3 vezes   | 9                   | 7.8                     |
| 7 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Usei a minha imagem (fotografias) de outro(s) para postar sobre ele(s) sem autorização                   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 107                 | 92.2                    |
| 1 a 3 vezes   | 5                   | 4.3                     |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Excluí outro(s) de grupos e de jogos online  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 100                 | 86.2                    |
| 1 a 3 vezes   | 6                   | 5.4                     |
| 4 a 6 vezes   | 4                   | 3.4                     |
| 7 ou mais vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total Parcial   | 112                 | 96.6                    |
| Não Respondeu   | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Criei situações difíceis a outro(s) de forma a que tenha(m) medo de entrar na internet e de sair de casa |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 111                 | 95.7                    |
| Total Parcial   | 111                 | 95.7                    |
| Não respondeu   | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Passando à prevalência de comportamentos de *bullying*, existem alguns comportamentos de que os indivíduos foram alvos (Cf. Quadro 1.8.), dos quais se distinguem, sobretudo: “tiram-me coisas”; “metem-se comigo ou chateiam-me”; “gozam comigo”. Pode-se ainda verificar que também estiveram presentes, de forma frequente, os seguintes comportamentos: “fazem de conta que eu não existo”; “fico magoado/a e isolado-me”; “chamam-me nomes ofensivos”; “insultam-me”; “estragam-me coisas para me chatear”; “não faço nada antes, para que me façam este tipo de coisas”.

Quadro 1.8.

**Prevalência de comportamentos referentes aos últimos seis meses, na Escala “O que já me fizeram na escola?” do instrumento de *Bullying*.**

| COMPORTAMENTO: Fazem-me coisas más por eu ser diferente |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 108                 | 93.1                    |
| 1 ou 2 vezes  | 6                   | 5.2                     |
| 3 ou 4 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Empurram-me, batem-me ou dão-me pontapés |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 107                 | 92.2                    |
| 1 ou 2 vezes  | 9                   | 7.8                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Tiram-me coisas                          |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 76                  | 65.5                    |
| 1 ou 2 vezes  | 28                  | 24.1                    |
| 3 ou 4 vezes  | 9                   | 7.8                     |
| 5 ou mais vezes   | 3                   | 2.6                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Estragam-me coisas para me chatear       |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 102                 | 87.9                    |
| 1 ou 2 vezes  | 10                  | 8.6                     |
| 3 ou 4 vezes  | 3                   | 2.6                     |
| 5 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Metem-se comigo ou chateia-me            |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 79                  | 86.1                    |
| 1 ou 2 vezes  | 26                  | 22.4                    |
| 3 ou 4 vezes  | 6                   | 5.2                     |
| 5 ou mais vezes   | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Chamam-me nomes ofensivos                |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 97                  | 83.6                    |
| 1 ou 2 vezes  | 13                  | 11.2                    |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 5 ou mais vezes   | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Insultam-me                              |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo               | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 98                  | 84.5                    |
| 1 ou 2 vezes  | 14                  | 12.1                    |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 5 ou mais vezes   | 3                   | 2.6                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Seguir-se-á um novo quadro que apresenta os restantes resultados dos comportamentos de *bullying*, que os alunos foram alvo.

Quadro 1.9.

**Prevalência de comportamentos referentes aos últimos seis meses, na Escala “O que já me fizeram na escola?” do instrumento de *Bullying* (continuação do quadro 1.8.).**

| COMPORTAMENTO: Gozam comigo   |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 81                  | 69.8                    |
| 1 ou 2 vezes  | 26                  | 22.4                    |
| 3 ou 4 vezes  | 4                   | 3.4                     |
| 5 ou mais vezes   | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Ameaçam-me   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 114                 | 98.3                    |
| 1 ou 2 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Sinto que me discriminam                                   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 103                 | 88.8                    |
| 1 ou 2 vezes  | 12                  | 10.3                    |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Fazem de conta que eu não existo                           |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 96                  | 82.8                    |
| 1 ou 2 vezes  | 14                  | 12.1                    |
| 3 ou 4 vezes  | 3                   | 2.6                     |
| 5 ou mais vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total Parcial   | 115                 | 99.1                    |
| Não Respondeu   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Combinam uns com os outros para não me falarem             |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 107                 | 92.2                    |
| 1 ou 2 vezes  | 9                   | 7.8                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Não faço nada antes, para que me façam este tipo de coisas |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 103                 | 88.8                    |
| 1 ou 2 vezes  | 7                   | 6.0                     |
| 5 ou mais vezes   | 5                   | 4.3                     |
| Total Parcial   | 115                 | 99.1                    |
| Não Respondeu   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Fico magoado/a e isolo-me                                  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo                                 | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 97                  | 83.6                    |
| 1 ou 2 vezes  | 16                  | 13.8                    |
| 3 ou 4 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| 5 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Ainda referente ao *bullying*, como se pode verificar (Cf. Quadro 1.10.), existem dois comportamentos perpetrados pelos alunos que se evidenciaram: “meto-me com colegas ou chateio-os”; “quando me fazem mal, acabo por reagir agredindo também”. Além disso, existem outros comportamentos que também foram frequentes, nomeadamente: “respondo assim porque o outro estava a pedi-las, logo a culpa é dele”; “chamo nomes ofensivos a colegas”; “insulto colegas”; “se for preciso, consigo reunir um grupo de colegas que me ajudam no que for necessário numa situação que poderá magoar alguém”; “participo em situações que podem magoar outros colegas, mas não tenho a iniciativa”; “planeio e começo por iniciativa própria uma situação que poderá magoar alguém, quando é preciso”.

Quadro 1.10.

**Prevalência de comportamentos referentes aos últimos seis meses, na Escala “O que já fiz na escola?” do instrumento de *Bullying*.**

| COMPORTAMENTO: Empurro, bato ou dou pontapés          |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 105                 | 90.5                    |
| 1 ou 2 vezes  | 9                   | 7.8                     |
| 3 ou 4 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Estrago coisas de colegas para chatear |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 108                 | 93.1                    |
| 1 ou 2 vezes  | 7                   | 6.0                     |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Meto-me com colegas ou chateio-os      |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 76                  | 65.5                    |
| 1 ou 2 vezes  | 29                  | 25.0                    |
| 3 ou 4 vezes  | 6                   | 5.2                     |
| 5 ou mais vezes                                       | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Prendo colegas contra a sua vontade    |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 109                 | 94.0                    |
| 1 ou 2 vezes  | 4                   | 3.4                     |
| 3 ou 4 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| Total Parcial   | 115                 | 99.1                    |
| Não Respondeu   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Chamo nomes ofensivos a colegas        |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 96                  | 82.8                    |
| 1 ou 2 vezes  | 12                  | 10.3                    |
| 3 ou 4 vezes  | 3                   | 2.6                     |
| 5 ou mais vezes                                       | 5                   | 4.3                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Insulto colegas                        |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 98                  | 84.5                    |
| 1 ou 2 vezes  | 11                  | 9.5                     |
| 3 ou 4 vezes  | 3                   | 2.6                     |
| 5 ou mais vezes                                       | 4                   | 3.4                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Ameaço colegas                         |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo             | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 111                 | 95.7                    |
| 1 ou 2 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 5 ou mais vezes                                       | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Os dois quadros abaixo (Cf. Quadros 1.11 e 1.12) complementam os resultados do quadro anterior, relativamente aos comportamentos de *bullying* dirigidos a outros.

Quadro 1.11.

**Prevalência de comportamentos referentes aos últimos seis meses, na Escala “O que já fiz na escola?” do instrumento de *Bullying* (continuação do quadro 1.10.).**

| COMPORTAMENTO: Espalho rumores ou mentiras a respeito de colegas   |                     |                         |
|--|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 111                 | 95.7                    |
| 1 ou 2 vezes   | 4                   | 3.4                     |
| 5 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Discrimino colegas  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 111                 | 95.7                    |
| 1 ou 2 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| 3 ou 4 vezes   | 1                   | 0.9                     |
| 5 ou mais vezes  | 2                   | 1.7                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Deixo fora de atividades colegas  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 107                 | 92.2                    |
| 1 ou 2 vezes   | 7                   | 6.9                     |
| 3 ou 4 vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Combino com amigos, não falarmos com determinado colega   |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 109                 | 94.0                    |
| 1 ou 2 vezes   | 5                   | 4.3                     |
| 3 ou 4 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Costumo juntar-me às confusões, ajudando o mais forte no que for preciso  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 113                 | 97.4                    |
| 1 ou 2 vezes   | 2                   | 2.7                     |
| 3 ou 4 vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Quando me fazem mal, acabo por reagir agredindo também  |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 84                  | 72.4                    |
| 1 ou 2 vezes   | 24                  | 20.7                    |
| 3 ou 4 vezes   | 4                   | 3.4                     |
| 5 ou mais vezes  | 4                   | 3.4                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Planeio e começo por iniciativa própria uma situação que poderá magoar alguém, quando é preciso                               |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 106                 | 91.4                    |
| 1 ou 2 vezes   | 7                   | 6.0                     |
| 3 ou 4 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| 5 ou mais vezes  | 1                   | 0.9                     |
| Total  | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Se for preciso, consigo reunir um grupo de colegas que me ajudam no que for necessário numa situação que poderá magoar alguém |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo  | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca  | 98                  | 84.5                    |
| 1 ou 2 vezes   | 11                  | 9.5                     |
| 3 ou 4 vezes   | 2                   | 1.7                     |
| 5 ou mais vezes  | 5                   | 4.3                     |
| Total  | 116                 | 100                     |

Quadro 1.12.

**Prevalência de comportamentos referentes aos últimos seis meses, na Escala “O que já fiz na escola?” do instrumento de *Bullying* (continuação do quadro 1.11.).**

| COMPORTAMENTO: Respondo assim porque o outro estava a pedi-las, logo a culpa é dele               |                     |                         |
|---|---------------------|-------------------------|
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 94                  | 81.0                    |
| 1 ou 2 vezes  | 15                  | 12.9                    |
| 3 ou 4 vezes  | 5                   | 4.3                     |
| 5 ou mais vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Por vezes não me consigo controlar e agrido os outros                              |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 108                 | 93.1                    |
| 1 ou 2 vezes  | 4                   | 3.4                     |
| 3 ou 4 vezes  | 1                   | 0.9                     |
| 5 ou mais vezes   | 3                   | 2.6                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Participo em situações que podem magoar outros colegas, mas não tenho a iniciativa |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 102                 | 87.9                    |
| 1 ou 2 vezes  | 10                  | 8.6                     |
| 3 ou 4 vezes  | 2                   | 1.7                     |
| 5 ou mais vezes   | 2                   | 1.7                     |
| Total   | 116                 | 100                     |
| COMPORTAMENTO: Chego a participar em situações destas e magoar os outros porque me pressionam     |                     |                         |
| Respostas referentes ao último ano letivo   | Frequência Absoluta | Frequência Relativa (%) |
| Nunca   | 109                 | 94.0                    |
| 1 ou 2 vezes  | 6                   | 5.2                     |
| 5 ou mais vezes   | 1                   | 0.9                     |
| Total   | 116                 | 100                     |

Para analisar as questões relativamente às vítimas e agressores do fenómeno, em ambas as modalidades, foram aplicados critérios a fim de identificar vítimas e/ou agressores. Para o *cyberbullying*, foi considerada vítima e/ou agressor quando vivenciou e/ou perpetrado um ou mais comportamentos a partir de uma a três vezes, dada a rápida propagação dos meios de comunicação bem como das redes sociais, atingindo um sem número de audiência, incluindo (des)conhecidos (sendo este o carácter repetitivo desta modalidade). Os únicos itens que foram considerados a partir de quatro vezes, foram “enviaram-me mails (ou SMS’s) para me insultarem” e “enviaram-me mails (ou SMS’s) para me ameaçarem/intimidarem”, uma vez que a vítima é o único “público” a visionar os e-mails ou mensagens. Quanto ao *bullying*, os critérios usados foram os das autoras, i.e., foi considerado vítima e/ou agressor a partir de três ou quatro vezes (sendo que

basta existir um único comportamento ocorrido este número de vezes para ser identificado como vítima/agressor), dado o carácter repetitivo do *bullying*.

A fim de se estudar a relação entre sexo e vítima/agressor deste fenómeno em ambas as modalidades procedeu-se ao teste do qui-quadrado. Relativamente à vitimação de *cyberbullying*, obtiveram-se resultados significativos ( $\chi^2=3.908$ ;  $p=.048$ ), onde das 70 vítimas, 89.1% são do sexo feminino e 72.5% do sexo masculino. O mesmo sucedeu a nível dos agressores de *cyberbullying* ( $\chi^2=5.305$ ;  $p=.021$ ), sendo que dos 36 agressores, 55% são do sexo masculino e 30.4% são do sexo feminino. Quanto ao *bullying*, no que concerne às vítimas, também foram encontradas diferenças significativas ( $\chi^2=12.018$ ;  $p=.001$ ), sendo que das 27 vítimas, 50% são do sexo masculino e 15.2% do sexo feminino. No que diz respeito aos agressores de *bullying*, também se obtiveram resultados significativos ( $\chi^2=23.423$ ;  $p=.000$ ), onde dos 22 agressores, 50% são do sexo masculino e 4.3% são do sexo feminino.

Procedeu-se então ao estudo da relação entre vítima e/ou agressor de *bullying* e/ou *cyberbullying*. Quanto à relação entre vítima e agressor de *cyberbullying* (Cf. Quadro 1.13), 70 alunos são vítimas, sendo que 40 são apenas vítimas e 30 são vítimas e agressores de *cyberbullying*. Por outro lado, existem 36 agressores, onde 6 são apenas agressores e 30 são vítimas e agressores desta modalidade.

Quadro 1.13.

**Relação entre Vítima de Cyberbullying e Agressor de Cyberbullying.**

| Quadro – Vítima de Cyberbullying e Agressor de Cyberbullying |          |     |       |
|--|----------|-----|-------|
| Vítima   | Agressor |     | Total |
|  | Sim      | Não |       |
| Sim  | 30       | 40  | 70    |
| Não  | 6        | 36  | 42    |
| Total  | 36       | 76  | 112   |

Relativamente à relação entre vítima e agressor de *bullying* (Cf. Quadro 1.14), foi possível averiguar que existem 27 vítimas, das quais 12 são apenas vítimas e 15 são

vítimas e agressores; quanto aos agressores, existem 22, sendo que 7 são apenas agressores e 15 são vítimas e agressores.

Quadro 1.14.

**Relação entre Vítima de *Bullying* e Agressor de *Bullying*.**

| Quadro – Vítima de <i>Bullying</i> e Agressor de <i>Bullying</i> |          |     |       |
|--|----------|-----|-------|
| Vítima   | Agressor |     | Total |
|  | Sim      | Não |       |
| Sim  | 15       | 12  | 27    |
| Não  | 7        | 78  | 85    |
| Total  | 22       | 90  | 112   |

Analisando a relação entre vítima de *bullying* e de *cyberbullying*, como se pode verificar no quadro 1.15, existem 27 vítimas de *bullying*, das quais 19 também são de *cyberbullying*; e 70 vítimas de *cyberbullying*, das quais 19 também são de *bullying*.

Quadro 1.15.

**Relação entre Vítima de *Cyberbullying* e Vítima de *Bullying*.**

| Quadro – Vítima de <i>Cyberbullying</i> e Vítima de <i>Bullying</i> |                           |     |       |
|---|---------------------------|-----|-------|
| Vítima de <i>Cyberbullying</i>                                      | Vítima de <i>Bullying</i> |     | Total |
|   | Sim                       | Não |       |
| Sim   | 19                        | 51  | 70    |
| Não   | 8                         | 0   | 8     |
| Total   | 27                        | 51  | 78    |

No que diz respeito à relação entre agressor de *bullying* e de *cyberbullying* (Cf. Quadro 1.16), 20 alunos são agressores de *bullying*, sendo que 11 também são de *cyberbullying* e nove apenas de *bullying*; e existem 31 agressores de *cyberbullying* onde 11 são também de *bullying* e 20 apenas de *cyberbullying*.

Quadro 1.16.

**Relação entre Agressor de *Bullying* e Agressor de *Cyberbullying*.**

| Quadro – Agressor de <i>Bullying</i> e Agressor de <i>Cyberbullying</i> |                             |     |       |
|---|-----------------------------|-----|-------|
| Agressor de <i>Cyberbullying</i>  | Agressor de <i>Bullying</i> |     | Total |
|   | Sim                         | Não |       |
| Sim   | 11                          | 20  | 31    |
| Não   | 9                           | 38  | 47    |
| Total   | 20                          | 58  | 78    |

Ainda se pode estudar a relação entre vítima de *cyberbullying* e agressor de *bullying* (Cf. Quadro 1.17), sendo que existe um total de 70 vítimas de *cyberbullying*, onde 18 são vítimas desta modalidade mas também agressoras de *bullying* e 52 apenas vítimas de *cyberbullying*. Por outro lado, existem 20 agressores de *bullying*, dos quais 18 são também vítimas de *cyberbullying* e 2 apenas agressores de *bullying*.

Quadro 1.17.

**Relação entre Vítima de Cyberbullying e Agressor de Bullying.**

| Quadro – Vítima de Cyberbullying e Agressor de Bullying |          |     |       |
|---|----------|-----|-------|
| Vítima  | Agressor |     | Total |
|   | Sim      | Não |       |
| Sim   | 18       | 52  | 70    |
| Não   | 2        | 6   | 8     |
| Total   | 20       | 58  | 78    |

Por último, como se pode ver no quadro 1.18, ainda se verificou a relação de agressores de *cyberbullying* e vítimas de *bullying*. Dos alunos inquiridos, 31 são agressores de *cyberbullying*, em que destes 12 são também vítimas de *bullying* e 19 apenas agressores de *cyberbullying*. As vítimas de *bullying* perfazem um total de 27, das quais 12 são também agressores de *cyberbullying* e 15 apenas vítimas de *bullying*.

Quadro 1.18.

**Relação entre Agressor de Cyberbullying e Vítima de Bullying.**

| Quadro – Agressor de Cyberbullying e Vítima de Bullying |        |     |       |
|---|--------|-----|-------|
| Agressor  | Vítima |     | Total |
|   | Sim    | Não |       |
| Sim   | 11     | 20  | 31    |
| Não   | 9      | 38  | 47    |
| Total   | 20     | 58  | 78    |

### 3.3 Discussão de Resultados

Após terem sido apresentados os resultados, é então chegada a altura de confrontar os mesmos com a literatura revista para este trabalho, comparando-os com os resultados obtidos por outras análises, anteriormente desenvolvidas.

Começando pelo *cyberbullying*, é de salientar que a maioria dos alunos desta amostra utiliza a internet de forma diária (74.1%), demonstrando, segundo alguns autores (Cassidy, Brown & Jackson, 2012; Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008;

Mark & Ratliffe, 2011; Popovic-Citic, Djuric & Cvetkovic, 2011), a presença (cada vez mais) diária das tecnologias na vida dos jovens, tornando-os, assim, mais vulneráveis a esta problemática. Consequentemente à omnipresença das tecnologias (Smith et al., 2012), foi possível verificar que o *cyberbullying* está a ocorrer com mais frequência que o *bullying*, uma vez que existem mais vítimas (70) e agressores (42) de *cyberbullying* que de *bullying* (vítimas – 46; agressores – 31).

Relativamente ao género, embora na literatura não exista total consenso do género em relação ao seu papel nesta modalidade (Vandebosch & Van Cleemput, 2009), os resultados apurados na nossa amostra estão de acordo com alguns autores, uma vez que as raparigas são mais vítimas (e.g.: Brighi et al., 2012; Cappadocia, Craig & Pepler, 2013; Wang, Ionnotti & Nansel, 2009) e os rapazes são mais agressores (e.g.: Huang & Chou, 2010; Li, 2006; Smith et al., 2008). Quanto aos tipos de *cyberbullying* presentes, podemos averiguar que os mais encontrados foram: perseguição (e.g.: enviar e-mails ou SMS's), difamação (e.g.: divulgar informação falsa); *outing* (e.g.: usar a imagem ou partilhar informações) e exclusão (e.g.: excluir de grupos *online*), tipos de *cyberbullying* que estão incluídos na classificação de Willard, 2007.

Passando ao *bullying*, na sua forma tradicional, foi possível averiguar que existe uma maior predominância do *bullying* verbal, sobretudo nas vítimas, uma vez que os comportamentos mais frequentes estão subjacentes a esta categoria, como gozar, insultar, chamar nomes ofensivos. Tal vai ao encontro de Craig e colaboradores (2009) e Kim e colegas (2010) uma vez que referem o *bullying* verbal como o mais frequente. Além disso, os comportamentos mais frequentes encontrados vão ao encontro tanto de Kalliotis (2000) que refere “gozar” como uma das formas mais frequentes, bem como de Skrzypiec, Slee, Murray-Harvey e Pereira (2011) que indicam “chamar nomes” o comportamento mais recorrente. No entanto, Kalliotis (2000) também referiu que outra

das formas mais frequentes é “dar pontapés”, i.e. *bullying* físico, o que não está de acordo com os nossos resultados. O facto de o *bullying* verbal estar presente de forma substancial na nossa amostra pode ir ao encontro do que alguns autores referem (e.g.: Craig et al., 2009; Kim et al., 2010) de que os jovens começam a ter a perceção das consequências das agressões físicas, optando por formas de *bullying* menos evidentes como é a verbal. No entanto, não nos podemos esquecer que esta forma de *bullying* é igualmente grave, sobretudo dada à invisibilidade de marcas. Relativamente ao género, a literatura refere que “gozar” é o comportamento mais frequente para ambos os géneros (Hoover, Oliver & Hazier, 1992), o que não foi verificado totalmente na nossa amostra, uma vez que só as raparigas revelaram este comportamento. Ainda sobre o género, foi possível averiguar nesta amostra que os rapazes são mais agressores que as raparigas, indo assim ao encontro de alguns autores (e.g.: Card et al., 2008; Forero et al., 1999; Nansel et al., 2001). Porém, segundo os mesmos autores, os rapazes utilizam mais a agressão física e as raparigas mais a social, o que não foi averiguado no nosso estudo.

No que concerne à relação de *bullying* e *cyberbullying*, esta foi comprovada pela nossa amostra, uma vez que existem vítimas de *bullying* que também são de *cyberbullying* (19), e agressores de *bullying* que também são de *cyberbullying* (11). Além disso, foi possível verificar que vítimas de *cyberbullying* também são agressores de *bullying* (18), e que agressores de *cyberbullying* também são vítimas de *bullying* (12). Apesar dos números não serem muito elevados, consegue-se denotar o início da extensão do *bullying* para o mundo virtual (e.g.: Bauman, 2009; Li, 2005; Monks, Robinson & Worlidge, 2012), o que vai ao encontro da Teoria da Posição Social, que explicita o seguinte: um jovem ao se submeter a comportamentos de *bullying* na escola tem maior probabilidade de experienciar, também, comportamentos em contextos fora da escola, como o *cyberbullying* (Beran & Li, 2007).

## **Conclusão e Análise Reflexiva**

Após a análise dos resultados, é então fundamental reter as principais conclusões deste estudo. Assim, é importante responder às questões centrais de investigação, bem como constatar se os objetivos estabelecidos inicialmente foram alcançados. A primeira questão interroga sobre a identificação de padrões de ocorrências nas escolas, o que foi possível averiguar: no que diz respeito ao *cyberbullying*, os comportamentos mais frequentes remetem para a perseguição, *outing* e exclusão, quer a nível das vítimas quer ao nível dos agressores; a nível do *bullying*, os comportamentos mais frequentes remetem sobretudo para o *bullying* verbal.

A segunda questão interrogou se as raparigas seriam mais frequentemente vítimas de *cyberbullying* e/ou *bullying* que os rapazes, o que apenas se verificou para o *cyberbullying*. Também se questionou se os rapazes seriam mais frequentemente agressores que as raparigas, no âmbito dos fenómenos de *cyberbullying* e/ou *bullying*. Desta vez, verificou-se que em ambas as modalidades são os rapazes os mais agressores.

Foi ainda questionado se as vítimas de *bullying* tendem a ser também vítimas de *cyberbullying* e se os *cyberbullies* seriam também *bullies*, o que foi constatado.

A realização desta investigação permitiu captar a prevalência do *bullying* e do *cyberbullying*, nas escolas, sendo que o *cyberbullying* está a ocorrer com mais frequência que o *bullying*. Foi ainda possível verificar uma relação entre as duas modalidades de *bullying*, sendo perceptível a extensão deste fenómeno para o mundo virtual. A existência desta relação também foi visível através das vítimas e agressores desta problemática, uma vez que as vítimas de *bullying*, também o são de *cyberbullying*, e o mesmo sucede com os agressores.

Ao longo da investigação surgiram algumas limitações ao estudo. Primeiro que tudo, a resposta do Ministério da Educação e das escolas solicitadas demorou algum tempo. Contudo, a morosa recolha de dados foi a principal limitação, pois foi necessário articular com as escolas, incluindo professores e respetivas aulas, a fim de não prejudicar o bom funcionamento das aulas, sendo respeitadas as rotinas. Uma outra limitação prende-se com o facto de a amostra recolhida ser maioritariamente normativa, o que contribuiu para que os resultados não fossem como esperado, e a maioria dos alunos não apresentasse quaisquer comportamentos, seja como vítimas ou como agressores.

Como sugestões futuras, seria importante realizar um estudo semelhante mas numa amostra mais particular (e.g.: alunos de CEF), aprofundar mais as questões ao nível do *cyberbullying*, sobretudo a níveis de comportamentos mais frequentes, motivos para a perpetração destes comportamentos e as consequências nos intervenientes (vítimas, agressores) desta problemática que está cada vez mais presente nos jovens de hoje. Ainda a título sugestivo, seria importante criar um programa de prevenção e intervenção junto das escolas a fim de, primeiro, prevenir estes comportamentos, alertando também para os perigos e vulnerabilidade da internet e dar conhecimento de como podem pedir ajuda, e segundo, intervir junto das vítimas e dos agressores com o objetivo de contribuir para a diminuição desta problemática tão recorrente atualmente. Poderia ainda ser pertinente que esse programa abrangesse pessoal docente e não docente das escolas, i.e. funcionários, professores e encarregados de educação, para alertar para esta nova realidade e saber como lidar com esta problemática. Além disso seria fundamental que este programa estivesse em permanente ligação com o *bullying*, dada a forte relação entre ambas as modalidades, como já foi mencionada.

## Referências

- Abramovay, M. & Rua, M. (2002). *Violência nas Escolas*. Brasília: UNESCO.
- Abramovay, M. (2006). *Cotidiano nas escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO.
- Agnew, R. (1992). Foundation for a general strain theory of crime and delinquency. *Criminology*, 30, 47-87.
- Almeida, K., Silva, A. & Campos, J. (2008). Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Revista de Pediatria*, 9 (1), 8-16.
- Amado, J. (2003). A Indisciplina na Sala de Aula. In A. Fonseca, C. Albuquerque, A. Ferreira & J. Rebelo (Ed.), *Comportamento Anti-social: Escola e Família* (pp. 145-156). Coimbra: Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra.
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T. & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interacções*, 13, 301-326.
- Andrews, D. & Bonta, J. (2010). *The Psychology of Criminal Conduct* (5ª Ed.). Cincinnati: Anderson Publishing.
- Aquino, J. (1998). A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade de Educação*, 24 (2), 181-204. doi: 10.1590/S0102-25551998000200011.
- Bauman, S. (2009). Cyberbullying in a rural intermediate school: an exploratory study. *The Journal of Early Adolescence*, 30 (6), 803-833. doi: 10.1177/0272431609350927.
- Beran, T. & Li, Q. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1 (2), 15-33.
- Berthold, K. & Hoover, J. (2000). Correlates of Bullying and Victimization Among Intermediate Students in the Midwestern USA. *School Psychology International*, 21(1), 65-78.

- Björkqvist, K., Lagerspetz, K. & Kaukiainen, A. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Development trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive Behavior, 18*, 117-127.
- Body-Gendrot, S. (2002). Violência Escolar: um olhar comparativo sobre políticas de governança. In É. Debarbieux & C. Blaya (Ed.), *Violência nas Escolas e Políticas Públicas* (pp. 24-58). Brasília: UNESCO.
- Botelho, R. & Souza, J. (2007). Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física, 139*, 58-70.
- Brighi, A., Guarini, A., Melotti, G., Galli, S. & Genta, M. (2012). Predictors of victimization across direct bullying, indirect bullying and cyberbullying. *Emotional and Behavioral Difficulties, 17* (3-4), 375-388. doi: 10.1080/13632752.2012.704684.
- Brown, B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. Lerner & L. Steinberg (2ª Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 363-394). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Brown, K., Jackson, M. & Cassidy, W. (2006). Cyber-bullying: developing policy to direct responses that are equitable and effective in addressing this special form of bullying. *Canadian Journal of Educational Administration and Policy, 57*.
- Campbell, M. (2005). Cyber-bullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counseling, 15*, 68-76.
- Campos, M. (2009). *O cyberbullying: natureza e ocorrência em contexto português* (Tese de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

- Cappadocia, M., Craig, W. & Pepler, D. (2013). Cyberbullying: prevalence, stability, and risk factors during adolescence. *Canadian Journal of School Psychology, 28* (2), 171-192. doi : 10.1177/0829573513491212.
- Card, N., Stucky, B., Sawalani, G. & Little, T. (2008). Direct and indirect aggression during childhood and adolescence: a meta-analytic review of gender differences, intercorrelations, and relations to maladjustment. *Child Development, 79* (5), 1185-1229.
- Cassidy, W., Brown, K. & Jackson, M. (2012). Under the radar: educators and cyberbullying in schools. *School Psychology International, 33* (5), 520-532. doi: 10.1177/0143034312445245.
- Cassidy, W., Jackson, M. & Brown, K. (2009). Sitcks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me?: students' experiences with cyber-bullying. *School Psychology International, 30* (4), 383-402. doi: 10.1177/0143034309106948.
- Chapell, M., Hasselm, S., Lomon, T., Maclver, S., Kenneth, W. & Sarullo, P. (2006). Bullying in elementary school, high school, and college. *Adolescence, 41*, 633-648.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias, 8*, 432-443.
- Chen, H., Chen, C., Lo, L. & Yang, S. (2008). Online privacy control via anonymity and pseudonym: cross-cultural implications. *Behavior & Information Technology, 27* (3), 29-242.
- Cheng, Y., Chen, L., Ho, H. & Cheng, C. (2011). Definitions of school bullying in Taiwan: a comparison of multiple perspectives. *School Psychology International, 32* (3), 227-243. doi: 10.1177/0143034311404130.
- Chisholm, J. F. (2006). Cyberspace violence against girls and adolescent females. *Annals of the New York Academy of Sciences, 1087*, 74-89.

- Cillessen, A. & Mayeux, L. (2007). Expectations and perceptions at school transitions: the role of peer status and aggression. *Journal of School Psychology, 45*, 567–586.
- Coloroso, B. (2003). *The bully, the bullied, and the bystander*. New York: HarperCollins.
- Cooper, C. & Ayers-Lopez, S. (1985). Family and peer systems in early adolescence: new models of the role of relationships in development. *Journal of Early Adolescence, 5* (1), 9-21. doi: 10.1177/0272431685051002
- Costa, M. & Vale, D. (1998). *A violência nas Escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hertland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., Mato, M., Overpeck, M., Due, P. & Pickett, W. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health, 54*, S216-S224. doi: 10.1007/s00038-009-5413-9. Retirado de: <http://link.springer.com/article/10.1007/s00038-009-5413-9#page-1>.
- Crick, N. & Grotpeter, J. (1995). Relational aggression and social-psychological adjustment. *Child Development, 66* (3), 710–722. doi: 10.1111/1467-8624.ep9506152720.
- Cruz, A. (2011). *O cyberbullying no contexto português* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- David-Ferdon, C. & Hertz, M. (2007). Electronic media, violence, and adolescents: An emerging public health problem. *Journal of Adolescent Health, 41*, S1-S5.
- Dehue, F., Bolman, C. & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: youngsters' experiences and parental perception. *CyberPsychology & Behavior, 11* (2). 217-223. doi: 10.1089/cpb.2007.0008.

- Diamanduros, R., Downs, E. & Jenkins, S. (2008). The role of school psychologists in the assessment, preventions, and intervention of cyberbullying. *Psychology in the Schools*, 45 (8), 693-704.
- Erdur-Baker, Ö. (2009). Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and ricky usage of internet- mediated communication tools. *New Media & Society*, 12 (1), 109-125. doi: 10.1177/1461444809341260.
- Erikson, E. (1977). *Childhood & Society*. London: Paladin Grafton Books.
- Estanqueiro, J. (2012). Bullying: os fatores escolares da problemática. *Revista Diversidades*, 38, 11-16.
- Farrington, D. (2002). Fatores de Risco para a Violência Juvenil. In É. Debarbieux & C. Blaya (Ed.), *Violência nas Escolas e Políticas Públicas* (pp. 24-58). Brasília: UNESCO.
- Ferreira, M. (2013). *Os Jovens, a Escola e o Cyberbullying* (Tese de Mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação, Castelo Branco.
- Flores, C. (2007). *Estudo do bullying em contexto escolar numa amostra do 3º ao 9º ano de escolaridade* (Tese de Mestrado). Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação, Aveiro.
- Fonseca, A. (2003). Família, Escola e Comportamento Anti-social: Uma visão de conjunto. In A. Fonseca, C. Albuquerque, A. Ferreira & J. Rebelo (Ed.), *Comportamento Anti-social: Escola e Família* (pp. 9-31). Coimbra: Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra.
- Fonte, C. & Pedra, J. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed.

- Forero, R., McLellan, L., Rissel, C. & Bauman, A. (1999). Bullying behavior and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: Cross sectional study. *British Medical Journal*, 319, 344-348.
- Formiga, N, & Gouveia, V. (2003). Adaptação e validação da escala de condutas antissociais e delitivas ao contexto brasileiro. *Revista Psico*, 34 (2), 367-388.
- Garcia, J. (2006). Indisciplina, incivildades e cidadania na escola. *Educação Temática Digital*, 8 (1), 121-130.
- Gequelin, J. & Carvalho, M. (2007). Escola e comportamento anti-social. *Ciências & Cognição*, 11, 132-142.
- Gottfredson, M. & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford: University Press.
- Graham, S., Bellmore, A. & Mize, J. (2006). Peer victimization, aggression, and their co-occurrence in middle school: pathways to adjustment problems. *Journal of Abnormal Child Psychology: An official publication of the International Society for Research. Child and Adolescent Psychopathology*, 34 (3).363–378.
- Greene, M. (2006). Bullying in school: a plea for measure of human rights. *Journal of Social Issues*, 62 (1), 63–79.
- Hampel, P., Manhal, S. & Hayer, T. (2009). Direct and relational bullying among children and adolescents: coping and psychological adjustment. *School Psychological International*, 30 (5), 474-490. doi: 10.1177/0143034309107066.
- Hawker, D. & Boulton, M. (2000). Twenty years' research on peer victimization and psychosocial maladjustment: A meta-analytic review of cross-sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41 (4), 441–455.
- Heiman, T. & Olenik-Shemesh, D. (2013). Cyberbullying experience and gender differences among adolescents in different educational settings. *Journal of Learning Disabilities*, 20 (10), 1-10. doi: 10.1177/0022219413492855.

- Heinrichs, R. (2003). A whole-school approach to bullying: Special considerations for children with exceptionalities. *Intervention in School & Clinic, 38*, 195. doi:10.1177/105345120303800401.
- Hinduja, S. & Patchin, J. (2010). Bullying, cyberbullying and suicide. *Archives of Suicide Research, 14* (3), 206-221. doi: 10.1080/13811118.2010.494133.
- Hoover, J., Oliver, R. & Hazier, R. (1992). Bullying: perceptions of adolescent victims in Midwestern USA. *School Psychology International, 13*, 5–16.
- Huang, Y. & Chou, C. (2010). An analysis of multiple factors of cyberbullying among junior high school students in Taiwan. *Computers in Human Behavior, 26* (6), 1581–1590.
- Juvonen, J. & Gross, E. (2008). Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health, 78*, 496-505.
- Kalliotis, P. (2000). Bullying as a special case of aggression: procedures of cross cultural assessment. *School Psychology International, 21*(1), 47–64.
- Kazdin, A. & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta Anti-social*. Amadora: McGraw-Hill.
- Kim, S., Kamphaus, R., Orpinas, P. & Kelder, S. (2010). Change in the manifestation of overt aggression during early adolescence: gender and ethnicity. *School Psychology International, 31*(1), 95–111.
- Klein, J. (2006). Cultural capital and high school bullies: How social inequality impacts school violence. *Men and Masculinities, 9*, 53-75. doi:10.1177/1097184X04271387.
- Kowalski, R. & Limber, S. (2007). Electronic bullying among middle school students. *Journal of Adolescent Health, 41* (6), S22-S30. doi: 10.1016/j.jadohealth.2007.08.017.
- Kowalski, R., Limber, S., & Agatston, P. (2008). *Cyberbullying*. Malden, MA: Blackwell.

- Li, Q. (2005). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, 23, 1777–1791, doi: 10.1016/j.chb.2005.10.005.
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in schools: a research of gender differences. *School Psychology International*, 27 (2), 157-170. doi: 10.1177/0143034306064547.
- Li, Q. (2007). New bottle but old wine: a research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, 23, 1777-1791. doi:10.1016/j.chb.2005.10.005.
- Li, Q. & Beran, T. (2007). The relationship between cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1 (2), 15-33.
- Marées, N. & Petermann, F. (2010). Bullying in German primary schools: Gender differences, age trends and influence of parents' migration and educational backgrounds. *School Psychology International*, 31 (2), 178–198.
- Mark, L. & Ratliffe, K. (2011). Cyber worlds: new playgrounds for bullying. *Computers in the school*, 28 (2), 92-116. doi: 10.1080/07380569.2011.575753.
- Martins, M. (2011). Prevenção da indisciplina, da violência e do *bullying* nas escolas. *Profforma*, 3, 1-6.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência – Gestão de problemas de Saúde em Meio Escolar*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Mendez, J., Bauman, S. & Guillory, R. (2012). Bullying of Mexican immigrant students by Mexican American students: an examination of intracultural bullying. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 34 (2), 279-304. doi: 10.1177/0739986311435970.
- Mesch, G. (2009). Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *CyberPsychology & Behavior*, 12 (4), 387-393. doi: 10.1089/cpb.2009.0068.

- Monks, C., Robinson, S. & Worlidge, P. (2012). The emergence of cyberbullying; a survey of primary school pupils' perceptions and experiences. *School Psychology International*, 33 (5), 477–491. doi: 10.1177/0143034312445242.
- Monteiro, C. (2009). *Indisciplina e Violência Escola* (Tese de Mestrado). Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto.
- Moon, B., Hwang, H. & McCluskey, J. (2008). Causes of school bullying: empirical test of a general theory of crime, differential association theory, and general strain theory. *Crime & Delinquency*, 57 (6), 849-877. doi: 10.1177/0011128708315740.
- Morais, A., Neiva-Silva, L. & Koller, S. (2010). *Endereço Desconhecido: – crianças e adolescentes em situações de rua* (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nansel, T., Craig, W., Overpeck, M., Saluja, G. & Ruan, J. (2004). Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 158 (8), 730-736.
- Nansel, T., Overpeck, M., Pilla, R., Ruan, W., Simons-Morton, B. & Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth: prevalence and association with psychological adjustment. *Journal of the American Medical Association*, 285 (16), 2094–2100.
- National Crime Prevention Council. (2007). *Teens and cyberbullying: Executive summary of a report on research*. Arlington, VA: Author. Retirado de: <http://www.ncpc.org/resources/files/pdf/bullying/Teens%20and%20Cyberbullying%20Research%20Study.pdf>.
- Neto, A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), S164-S172.
- Oliveira, J. & Barbosa, A. (2012). Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (4), 747-755.

- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Organização Mundial de Saúde (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization.
- Owens, L., Slee, P. & Shute, R. (2000). It Hurts a Hell of a Lot: The Effects of Indirect Aggression on Teenage Girls. *School Psychology International*, 21(4), 359–376. doi: 10.1177/0143034300214002.
- Pacheco, J., Alvarenga, P., Reppold, C., Piccinini, C. & Hutz, C. (2005). Estabilidade do comportamento anti-social na transição da infância para a adolescência: uma perspectiva desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (1), 55-61.
- Patchin, J. & Hinduja, S. (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look at cyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4, 148-169.
- Patchin, J. & Hinduja, S. (2011). Traditional and nontraditional bullying among youth: A test of general strain theory. *Youth Society*, 43, 727–751. doi:10.1177/0044118X10366951.
- Patterson, G. (1998). Coercion as a Basis for Early Age of Onset for Arrest. In J. McCord (Ed.), *Coercion and Punishment in Long-Term Perspectives* (pp. 81-105). USA: Cambridge University Press.
- Pellegrini, A. & Long J. (2002). A longitudinal study of bullying, dominance, and victimization during the transition from primary school through secondary school. *British Journal of Developmental Psychology*, 20, 259–280.
- Pellegrini, A. & Bartini, M. (2000). A longitudinal study of bullying, victimization, and peer affiliation during the transition from primary school to middle school. *American Educational Research Journal*, 37 (3), 699-725.

- Pepler, D. & Craig, W. (2000). *Making a difference in bullying*. Canada: York University.
- Pereira, A. (2005). (In)disciplina na aula: uma revisão bibliográfica de autores portugueses. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 193-198.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25 (2), 241-254. doi: 10.1177/0143034304043690.
- Pereira, N. & Júnior, S. (2007). O bullying nas escolas sob a perspectiva dos estudantes de Floriano-Pi: um estudo preliminar. Retirado de: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=982>.
- Phillips, D. (2007). Pinking and bullying: Strategies in middle school, high school, and beyond. *Journal of Interpersonal Violence*, 22, 158-178. doi:10.1177/0886260506295341.
- Popovic-Citic, B., Djuric, S. & Cvetkovic, V. (2011). The prevalence of cyberbullying among adolescent: a case study of middle schools in Serbia. *School Psychology International*, 32 (4), 412-424. doi: 10.1177/0143034311401700.
- Pujazon-Zazik, M. & Park, M. (2010). To tweet, or not to tweet: gender differences and potential positive and negative health outcomes of adolescents' social internet use. *American Journal of Men's Health*, 4 (1), 77-85. doi: 10.1177/1557988309360819.
- Rodríguez, N. (2004). *Bullying: Guerra na Escola*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Royer, E. (2002). A Violência Escolar e as Políticas da Formação de Professores. In É. Debarbieux & C. Blaya (Ed.), *Violência nas Escolas e Políticas Públicas* (pp. 24-58). Brasília: UNESCO.

- Saavedra, R. & Machado, C. (2010). Prevenção universal da violência em contexto escolar. In C. Machado (Ed.), *Vitimologia: das novas abordagens teóricas às novas práticas de intervenção* (pp. 137-167). Braga: PsiquilíbriosEdições.
- Safer Internet for Children. Qualitative study in 29 European countries (2007).Retirado de:  
[http://ec.europa.eu/public\\_opinion/archives/quali/ql\\_safer\\_internet\\_summary.pdf](http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/quali/ql_safer_internet_summary.pdf)
- Sakellariou, T., Carroll, A. & Houghton, S. (2012). Rates of cyber victimization and bullying among male Australian primary and high school students. *School Psychology International*, 33 (5), 533–549.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (23), 97-110.
- Sharp, S. & Smith, P. (1994).Understanding bullying. In S. Sharp & P. Smith (Ed.), *Tackling bullying in your school* (pp. 1-5). London: Routledge.
- Sharp, S., Thompson, D. & Arora, T. (2000). How long before it hurts? An investigation into long-term bullying. *School Psychology International*, 21 (1), 37–46.
- Silva, A. (2004).*Desenvolvimento de Competências Sociais nos Adolescentes*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Skrzypiec, G., Slee, P., Murray-Harvey, R. & Pereira, B. (2011). School bullying by one or more ways: does it matter how do students cope? *School Psychology International*, 32 (3), 288-311. doi: 10.1177/0143034311402308.
- Slonje, R. & Smith, P. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, 147–154. doi:10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x.

- Stelko-Pereira, A. & Williams, L. (2010). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia, 18* (1), 45-55.
- Smith, P. (2011). Bullying in schools: Thirty years of research. In C. Monks & I. Coyne (Ed.), *Bullying in different contexts* (pp. 36–60). Cambridge: Cambridge University Press.
- Smith, B., Dempsey, A., Jackson, S., Olenchak, F. & Gaa, J. (2012). Cyberbullying among gifted children. *Gifted Education International, 28* (1), 112-126. doi: 10.1177/0261429411427652.
- Smith, P., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S. & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49* (4), 376-385. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x.
- Soares, A. & Varella, L. (2013). Responsabilidade civil pelo bullying. *Revista Perquirere, 10* (1), 63-76.
- Solberg, M. & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior, 29*, 239–268, doi: 10.1002/ab.10047.
- Sposito, M. (1998). A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa, 104*, 58-75. Retirado de: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15741998000200005&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-15741998000200005&script=sci_abstract).
- Sourander, A., Klomek, A., Ikonen, M., Lindroos, J., Luntamo, T., Koskelainen, M., Ristkari, T. & Helenius, H. (2010). Psychosocial risk factors associated with cyberbullying among adolescents - a population-based study. *Archives of General Psychiatry, 67*, 720–728. doi:10.1001/archgenpsychiatry.2010.79.

- Strom, P., Strom, R., Walker, J., Sindel-Arrington, T. & Beckert, T. (2011). Adolescent Bullies on Cyber Island. *NASSP Bulletin*, 95 (3), 195-211. doi: 10.1177/0192636511418641.
- Suler, J. (2004). The online disinhibition effect. *Cyber Psychology & Behavior*, 7 (3), 321–326.
- Swearer, S., Espelage, D., Siebecker, A., Kingsbury, W. & Bevins, K. (2006). A socioecological model for bullying prevention and intervention in early adolescence: An exploratory examination. In S. R. Jimerson & M. J. Furlong (Eds.), *Handbook of school violence and school safety: From research to practice* (pp. 257-273). Mahwah: Erlbaum.
- Tavares, H. (2012). Cyberbullying na adolescência. *Nascer e Crescer*, 21 (3), S174-S177.
- Tyrode, Y. & Bourcet, S. (2002). *Os Adolescentes Violentos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Vandebosch, H. & Van Cleemput, H. (2009). Cyberbullying among youngsters: profiles of bullies and victims. *New Media & Society*, 11 (8), 1349-1371 doi: 10.1177/1461444809341263.
- Veiga, F. (2001). Indisciplina e Violência nas Escolas. In *Actas do 3º Encontro de Educação de Sintra – Alunos “difíceis”, Professores em Dificuldade* (pp. 41-54). Lisboa: Associação de Professores de Sintra.
- Wang, J., Ionnotti, R. & Nansel, T. (2009). School bullying among adolescents in the United States: Physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, 45, 368–375.
- Whitney, I. & Smith, P. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35, 3–25. doi: 10.1080/0013188930350101.

- Willard, N. (2007). *Cyberbullying and cyberthreats: Responding to the challenge of online social aggression, threats, and distress*. Champaign, IL: Research Press.
- Williams, K. & Guerra, N. (2007). Prevalence and predictors of internet bullying. *Journal of Adolescent Health, 41* (6), S14–21.
- Williams, L. (2003). Sobre deficiência e violência: reflexões para uma análise de revisão de área. *Revista Brasileira de Educação Especial, 9* (2), 141-154.
- Wolak, J., Mitchell, K. & Finkelhor, D. (2007). Does online harassment constitute bullying? An exploration of online harassment by known peers and online-only contacts. *Journal of Adolescent Health, 41*, S.51–S58. doi: 10.1027/0044-3409.217.4.182.
- Wolke, D., Woods, S., Bloomfield, L. & Karstadt, L. (2000). The association between direct and relational bullying and behaviour problems among primary school children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 41*, 989–1002.
- Woo, J. (2006). The right not to be identified: Privacy and anonymity in the interactive media environment. *New Media & Society, 8*, 949-967.
- Ybarra, M. & Mitchell, K. (2004a). Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45* (7), 1308-1316. doi:10.1111/j.1469 7610.2004.00328.x.
- Ybarra, M. & Mitchell, K. (2004b). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, Internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence, 27*, 319-336.
- Ybarra, M., Mitchell, K., Finkelhor, D. & Wolak, J. (2007). Internet prevention messages: Targeting the right online behaviors. *Archives of Pediatric & Adolescent Medicine, 161*, 138-145.

**ANEXOS**

---

**Anexo I - Declaração do Consentimento Informado para Encarregados de Educação de alunos menores de idade**

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### ***Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenómeno em Jovens***

### ***Estudantes do Ensino Secundário***

**Eu, abaixo-assinado, responsável pelo participante no projeto,** compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_\_/20\_\_

***Assinatura do Responsável pelo participante no projecto:*** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

***Nome:***

***Assinatura:***

**Anexo II – Declaração do Consentimento Informado para os participantes com idade igual ou superior a 18 anos**

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

***Bullying e Cyberbullying: Estudo do Fenómeno em Jovens Estudantes do Ensino Secundário***

Eu, abaixo-assinado, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do participante no estudo:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

**Nome:**

**Assinatura:**

**Anexo III – Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar  
(Trabulo & Soeiro, 2011)**

**Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar  
(Trabulo & Soeiro, 2011)**

| <b>Parte I – Sobre mim e a minha família</b> |   | <b>Discordo totalmente</b> | <b>Discordo</b> | <b>Concordo</b> | <b>Concordo totalment</b> |
|--|---|----------------------------|-----------------|-----------------|---------------------------|
| <b>1</b>                                     | Sou uma pessoa satisfeita   |                            |                 |                 |                           |
| <b>2</b>                                     | Lá em casa todos nos damos bem  |                            |                 |                 |                           |
| <b>3</b>                                     | Costumo entrar em conflitos com os meus pais / encarregado de educação.   |                            |                 |                 |                           |
| <b>4</b>                                     | Por vezes sinto que os meus pais / encarregado de educação, não se interessam muito por mim por aquilo que faço.      |                            |                 |                 |                           |
| <b>5</b>                                     | Sinto que os meus pais / encarregado de educação, não me deixam viver e ter o meu espaço                              |                            |                 |                 |                           |
| <b>6</b>                                     | Por vezes sinto que não posso contar com a minha família quando preciso.  |                            |                 |                 |                           |
| <b>7</b>                                     | O ambiente lá em casa é “pesado”.   |                            |                 |                 |                           |
| <b>8</b>                                     | Os meus pais/ encarregado de educação, ora se chateiam a serio comigo, ora não querem saber. Nunca sei o que esperar. |                            |                 |                 |                           |

## Parte II – O que já me fizeram na escola?

Nesta parte pedimos-te que relates com que frequência já te fizeram o que se segue, nos últimos 6 meses. Tem em conta se foi de propósito e se a pessoa (ou grupo) que te fez isto é mais velho, ou mais forte do que tu em algum aspeto (tornando impossível defenderes-te). É ainda importante que refiras os comportamentos quando estes se passam no espaço físico dos intervalos (por exemplo recreio, corredores) ou em sala de aula.

|    |   | Nunca | 1 ou 2 vezes | 3 ou 4 vezes | 5 ou mais vezes |
|----|---|-------|--------------|--------------|-----------------|
| 9  | Fazem-me coisas más por eu ser diferente                    |       |              |              |                 |
| 10 | Empurram-me, batem-me ou dão-me pontapés.                   |       |              |              |                 |
| 11 | Tiram-me coisas.  |       |              |              |                 |
| 12 | Estragam-me coisas para me chatear.                         |       |              |              |                 |
| 13 | Metem-se comigo ou chateiam-me.                             |       |              |              |                 |
| 14 | Chamam-me nomes ofensivos.                                  |       |              |              |                 |
| 15 | Insultam-me.  |       |              |              |                 |
| 16 | Gozam comigo.   |       |              |              |                 |
| 17 | Ameaçam-me.   |       |              |              |                 |
| 18 | Sinto que me discriminam.                                   |       |              |              |                 |
| 19 | Fazem de conta que eu não existo.                           |       |              |              |                 |
| 20 | Combinam uns com os outros para não me falarem.             |       |              |              |                 |
| 21 | Não faço nada antes, para que me façam este tipo de coisas. |       |              |              |                 |
| 22 | Fico magoado/a e isolo-me.                                  |       |              |              |                 |

**Parte III – O que já fiz na escola?**

Nesta parte pedimos-te que relates com que frequência já fizeste o que se segue, nos últimos 6 meses. Tem em conta se foi de propósito e se a pessoa a quem fizeste é mais novo, ou mais fraco do que tu em algum aspeto (promovendo a tua posição superior). É ainda importante que refiras os comportamentos quando estes se passam no espaço físico dos intervalos (por exemplo recreio, corredores) ou em sala de aula.

|    |  | Nunca | 1 ou 2 vezes | 3 ou 4 vezes | 5 ou mais vezes |
|----|--|-------|--------------|--------------|-----------------|
| 23 | Empurro, bato ou dou pontapés a colegas.   |       |              |              |                 |
| 24 | Estrago coisas de colegas para chatear.  |       |              |              |                 |
| 25 | Meto-me com colegas ou chateio-os.   |       |              |              |                 |
| 26 | Prendo colegas contra a sua vontade.   |       |              |              |                 |
| 27 | Chamo nomes ofensivos a colegas.   |       |              |              |                 |
| 28 | Insulto colegas.   |       |              |              |                 |
| 29 | Ameaço colegas.  |       |              |              |                 |
| 30 | Espalho rumores ou mentiras a respeito de colegas.   |       |              |              |                 |
| 31 | Discrimino colegas.  |       |              |              |                 |
| 32 | Deixo fora de atividades colegas.  |       |              |              |                 |
| 33 | Combino com amigos, não falarmos com determinado colega.   |       |              |              |                 |
| 34 | Costumo juntar-me às confusões, ajudando o mais forte no que for preciso.  |       |              |              |                 |
| 35 | Quando me fazem mal, acabo por reagir agredindo também.  |       |              |              |                 |
| 36 | Planeio e começo por iniciativa própria uma situação que poderá magoar alguém, quando é preciso.                               |       |              |              |                 |
| 37 | Se for preciso, consigo reunir um grupo de colegas que me ajudam no que for necessário numa situação que poderá magoar alguém. |       |              |              |                 |
| 38 | Respondo assim porque o outro estava a pedi-las, logo a culpa é dele.  |       |              |              |                 |
| 39 | Por vezes não me consigo controlar e agrido outros.  |       |              |              |                 |
| 40 | Participo em situações que podem magoar outros colegas, mas não tenho a iniciativa.  |       |              |              |                 |
| 41 | Chego a participar em situações destas e magoar os outros porque me pressionam.  |       |              |              |                 |

|    |   | Discordo<br>totalment | Discordo | Concordo | Concordo<br>totalment |
|----|---|-----------------------|----------|----------|-----------------------|
| 42 | Às vezes fico tão irritado, que só assim (com estes comportamentos) é que funciona.         |                       |          |          |                       |
| 43 | Gosto de mostrar quem manda.  |                       |          |          |                       |
| 44 | Este tipo de comportamentos diverte-me.   |                       |          |          |                       |
| 45 | Se queremos ter algum tipo de posição e respeito este é muitas vezes o caminho.             |                       |          |          |                       |
| 46 | Tenho orgulho em ser assim (em ter estes comportamentos acima referidos, quando é preciso). |                       |          |          |                       |
| 47 | Acho que só é vítima quem quer e porque provavelmente merece.                               |                       |          |          |                       |
| 48 | Acho que ser <i>bully</i> é fixe.   |                       |          |          |                       |

#### Parte IV – O que já vi na escola?

Nesta parte pedimos-te que relates com que frequência já viste o que se segue, nos últimos 6 meses. Tem em conta se foi de propósito e se a pessoa que estava a magoar de alguma forma o colega, era mais velho ou mais forte do que o que estava a ser magoado (em qualquer aspeto). É ainda importante que refiras os comportamentos quando estes se passam no espaço físico dos intervalos (recreio, corredores) ou em sala de aula.

|    |   | Nunca | 1 ou 2<br>vezes | 3 ou 4<br>vezes | 5 ou mais<br>vezes |
|----|---|-------|-----------------|-----------------|--------------------|
| 49 | Vi colegas a fazerem coisas más a outros pelo facto do colega alvo ser diferente em algum aspeto. |       |                 |                 |                    |
| 50 | Já vi colegas a empurrarem, baterem ou darem pontapés a outros colegas.                           |       |                 |                 |                    |
| 51 | Já vi colegas a tirarem coisas a outros colegas.  |       |                 |                 |                    |
| 52 | Já vi colegas a estragarem coisas para chatear outros colegas.                                    |       |                 |                 |                    |
| 53 | Já vi colegas a meterem-se ou a chatear outros colegas.   |       |                 |                 |                    |
| 54 | Já vi colegas a prenderem outros colegas contra a sua vontade.                                    |       |                 |                 |                    |
| 55 | Já ouvi colegas a chamarem nomes ofensivos a outros   |       |                 |                 |                    |
| 56 | Já ouvi colegas a insultarem outros colegas.  |       |                 |                 |                    |
| 57 | Já vi colegas a gozarem com outros colegas.   |       |                 |                 |                    |
| 58 | Já ouvi colegas a ameaçarem outros colegas.   |       |                 |                 |                    |
| 59 | Já ouvi rumores ou mentiras a respeito de colegas.  |       |                 |                 |                    |
| 60 | Já vi colegas a discriminarem outros colegas.   |       |                 |                 |                    |
| 61 | Já vi colegas a serem deixados de fora de atividades, de propósito.                               |       |                 |                 |                    |
| 62 | Já vi colegas a fazer de conta que determinados colegas não existem.                              |       |                 |                 |                    |
| 63 | Já vi colegas a combinarem com amigos, para não falarem com outro colega.                         |       |                 |                 |                    |

**Anexo IV – Autorização das autoras da Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar**



**Autorização**

Declara-se que se autoriza Patrícia Fonseca, discente do Mestrado de Psicologia Jurídica da Universidade Fernando Pessoa, a aplicar a **Escala de Avaliação de Indicadores de *Bullying* em Contexto Escolar (Trabulo & Soeiro, 2011)** no desenvolvimento da sua Dissertação de Mestrado, encetada em 2013-2014. Autoriza-se ainda a divulgação da medida, bem como dos resultados obtidos com esta para fins de investigação científica.

A Investigadora

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cláudia Trabulo Cabela'.

Cláudia Trabulo Cabela

A Orientadora

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cristina Soeiro'.

Cristina Soeiro

Monte de Caparica , 12 de junho de 2014

**Anexo V – Indicadores de *Cyberbullying* – Questionário de Avaliação (Nunes & Fonseca, 2014)**

**Indicadores de *Cyberbullying*  
Questionário de Avaliação  
(Laura Nunes & Patrícia Fonseca, 2014)**

**Informações / Instruções**

O presente questionário visa recolher informação a respeito do chamado *cyberbullying*, procurando-se perceber os que são vítimas desses comportamentos e os que descadeiam essas condutas.

Apenas se pretende perceber o fenómeno, não havendo respostas certas ou erradas e não havendo qualquer tentativa de avaliar esses comportamentos. Apenas se pretende perceber o que se passa a esse nível, pelo que se solicita a máxima sinceridade nas respostas.

Considere-se o *cyberbullying* como o tipo de comportamento(s) em que um ou mais indivíduos desenvolve(m) ações de agressão, humilhação, manipulação ou de outra natureza, causando deliberadamente dano e prejuízo, de forma recorrente / continuada, em contexto virtual, com recurso às novas tecnologias.

### PARTE I – Dados Sociodemográficos

- 1.1. Sexo..... Feminino  1  
Masculino  2
- 1.2. Idade..... Menos de 14  1  
Entre 15 e 17  2  
Entre 18 e 20  3  
Entre 21 e 23  4  
Mais de 24  5
- 1.3. Ano de Escolaridade..... Entre o 4º e o 6º  1  
Entre o 7º e o 9º  2  
Entre o 10º e o 12º  3  
Ensino Superior  4
- 1.4. Diga se, para estudar, se encontra deslocado de casa..... Sim  1  
Não  2

### PARTE II – Padrão de Utilização da Internet

- 2.1. Assinale, em média, a frequência com que utiliza a internet  
Menos de 2 vezes **por semana**  1  
Entre 2 e 5 vezes **por semana**  2  
Menos de 2 vezes **por dia**  3  
Entre 2 e 5 vezes **por dia**  4  
Mais de 6 vezes **por dia**  5
- 2.2. Assinale, em média, o tempo que passa “ligado” à internet  
Menos de 5 horas **por semana**  1  
Entre 5 e 9 horas **por semana**  2  
Entre 10 e 14 horas **por semana**  3  
Entre 15 e 19 horas **por semana**  4  
Mais de 19 horas **por semana**  5
- 2.3. Assinale o número de redes sociais em que tem um perfil  
Entre 1 e 3  1  
Entre 4 e 6  2  
Entre 7 e 9  3  
Mais de 10  4
- 2.4. Assinale o número de endereços de e-mail que possui  
Entre 1 e 3  1  
Entre 4 e 6  2  
Mais de 7  3

### PARTE III – Comportamentos de que foi Alvo

Assinale com um X, a resposta que se adequa a si, relativamente a comportamentos de que tenha sido alvo, no último ano letivo, por via da internet e dos seus meios

|  | Nunca | 1 a 3<br>Vezes | 4 a 6<br>vezes | 7 ou mais<br>vezes |
|--|-------|----------------|----------------|--------------------|
| 3.1. Entraram na minha conta de e-mail sem a minha permissão   |       |                |                |                    |
| 3.2. Usaram a minha conta de e-mail para enviar mensagens insultuosas aos meus contactos                 |       |                |                |                    |
| 3.3. Enviaram-me mails (ou SMS's) para me insultarem   |       |                |                |                    |
| 3.4. Enviaram-me mails (ou SMS's) para me ameaçarem/intimidarem  |       |                |                |                    |
| 3.5. Partilharam com outras pessoas informação a meu respeito, sem que eu autorizasse                    |       |                |                |                    |
| 3.6. Partilharam com outras pessoas informação pessoal e/ou íntima, causando-me embaraço                 |       |                |                |                    |
| 3.7. Divulgaram dados a meu respeito colocando-me em situação de risco/perigo                            |       |                |                |                    |
| 3.8. Divulgaram informação falsa a meu respeito (mentiras, calúnias,...)                                 |       |                |                |                    |
| 3.9. Usaram a minha imagem (fotografias) e divulgaram-na sem a minha autorização                         |       |                |                |                    |
| 3.10. Usaram a minha imagem (fotografias) para postarem sobre mim e sem a minha autorização              |       |                |                |                    |
| 3.11. Excluíram-me de grupos e de jogos online em que pretendia participar                               |       |                |                |                    |
| 3.12. Criaram-me situações difíceis de forma a que eu tenha medo de entrar na internet e de saír de casa |       |                |                |                    |
| 3.13. Acrescente algo que, não tendo sido aqui referido, seja importante relatar a este respeito -----   |       |                |                |                    |

AMOSTRA

### PARTE IV – Comportamentos Dirigidos a Outros

Assinale com um X, a resposta que se adequa a si, relativamente a comportamentos **que tenha desenvolvido, no último ano letivo, por via da internet e dos seus meios**

|   | Nunca | 1 a 3<br>Vezes | 4 a 6<br>vezes | 7 ou mais<br>vezes |
|---|-------|----------------|----------------|--------------------|
| 4.1. Entrei na conta de e-mail de outro(s) sem a sua permissão  |       |                |                |                    |
| 4.2. Usei a conta de e-mail de outro(s) para enviar mensagens insultuosas aos seus contactos                          |       |                |                |                    |
| 4.3. Enviei mails (ou SMS's) para insultar outro(s)   |       |                |                |                    |
| 4.4. Enviei mails (ou SMS's) para ameaçar/intimidar outro(s)  |       |                |                |                    |
| 4.5. Partilhei com outras pessoas informação a respeito de outro(s), sem autorização para tal                         |       |                |                |                    |
| 4.6. Partilhei com outras pessoas informação pessoal e/ou íntima de outro(s), causando-lhe(s) embaraço                |       |                |                |                    |
| 4.7. Divulguei dados a respeito de outro(s) colocando-o(s) em situação de risco/perigo                                |       |                |                |                    |
| 4.8. Divulguei informação falsa a respeito de outro(s) (mentiras, calúnias,...)                                       |       |                |                |                    |
| 4.9. Usei a imagem (fotografias) de outro(s) e divulguei sem a sua autorização  |       |                |                |                    |
| 4.10. Usei a imagem (fotografias) de outro(s) para postar sobre ele(s) sem autorização                                |       |                |                |                    |
| 4.11. Excluí outro(s) de grupos e de jogos <i>online</i>  |       |                |                |                    |
| 4.12. Criei situações difíceis a outro(s) de forma a que tenha(m) medo de entrar na <i>internet</i> e de sair de casa |       |                |                |                    |
| 4.13. Acrescente algo que, não tendo sido aqui referido, seja importante relatar a este respeito -----                |       |                |                |                    |

Muito obrigado pela sua participação